

EMBATES  
POÉTICOS  
DE BASÍLIO:  
BRASIL,  
PORTUGAL  
E ITÁLIA

CARLOS  
VERSIANI DOS  
ANJOS

## PRIMEIRAS PALAVRAS

José Basílio da Gama, nascido na Vila de São José del-Rei, Capitania de Minas Gerais, no ano de 1741, e falecido na cidade de Lisboa, Portugal, em 1795, foi um homem que viveu intensamente o seu tempo, trazendo sempre como instrumento de sua ação sobre o mundo, a poesia. Foi um tempo que, estendendo-se para muito além dos limites espaciais da terra natal, revelou-lhe Roma, centro irradiador do universo cultural e literário italiano; e no trânsito entre Lisboa, Coimbra e Sintra, a efervescência política e poética do reino português, em redes de sociabilidade que, não sem esforço e conflitos, construiu. Soma-se a isso os desafios e percalços que enfrentou pela sua formação jesuítica, e que o fizeram transitar, também no labor poético, entre a punição e o reconhecimento, em meio a grandes forças políticas e religiosas que animavam o curso das últimas décadas dos Oitocentos. Tudo sem olvidar o Brasil, na missão que assumiu, de contribuir para a cristalização do movimento literário ultramarino, de que se via também participante e precursor.

Neste artigo vamos acompanhar um pouco esse percurso, sem a intenção biográfica de cobrir, detalhadamente, o vasto enredo da sua sina, entre os dois lados do Atlântico. Mas tendo como norte a sua obra literária, pinçando momentos que se vislumbram como síntese daquilo que entendemos fundamental para a compreensão da sua ação, ou do seu discurso sobre o mundo em que vivia. Momentos que, como afirmado acima, atestam a forma ativa e intensa com que viveu o tempo da sua existência. Faremos esse exercício tendo como referências motrizes todo um arcabouço da crítica literária, mas também o ofício do historiador, daquela ciência da história, cujo tempo se define, nas palavras de Marc Bloch, como “o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e como o lugar de sua inteligibilidade”.<sup>1</sup> Uma história que se debruça, com discernimento, ousadia e vigor, sobre a literatura, desvelando os vários momentos que perpassam a sua invenção, publicação e circulação, reveladores dos sentidos primeiros, das ideias

---

1 BLOCH, Marc. *O Ofício do Historiador*. Trad. de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 55.

e discursos pelos quais a narrativa poética se cria. E que se recria, no imaginário futuro, quando nos apropriamos dessa narração.

Partimos da primeira longa viagem, de vida e poesia, que o jovem poeta realiza, cruzando o Atlântico e o Mediterrâneo para se instalar em Roma, sob o abrigo do hábito jesuítico e das musas da Accademia dell’Arcadia. Aí nos detemos, tentando desvendar, nos rastros de ainda escassa documentação, a sua produção italiana e os diálogos estabelecidos no universo da Arcádia Romana. Reservamos para o final do artigo o apetitoso diálogo poético entre Pietro Metastasio, Basílio Gama e Jean-Jacques Rousseau, numa publicação trilingue do ano de 1773, em que os últimos traduzem, respectivamente, para o português e o francês, o poema "La libertà", em italiano, escrito por Metastasio.

Despido do hábito clerical e recém-intitulado árcade romano, o encontraremos de passagem pelas lides poéticas de Lisboa, em que se travava uma ácida disputa sobre os cânones que o “bom gosto” arcádico deveria seguir. Gama se aninhava no grupo de poetas que já o conterrâneo Alvarenga Peixoto pertencia, batendo de frente com integrantes da Arcádia Lusitana. Não apreciaremos aqui os embates ocorridos quando da presença da atriz italiana Anna Zamperini nos palcos de Lisboa, de que Gama também se fez protagonista, reservados para outra publicação. Mas o encontraremos no momento posterior à queda do Marquês de Pombal, quando o poeta se envolve também na publicação de sátiras que alfinetavam o antes todo-poderoso ministro de Portugal, de que fora oficial copista ou escrivão.

Assim caminharemos nos tópicos seguintes, alinhavando fragmentos da produção literária de Basílio da Gama com a vária história de que foi testemunha, e sobre a qual também se teceu a sua escrita poética. Trazemos, nesse intento, alguns documentos e poemas que ainda não foram de todo publicados, ou insuficientemente explorados pela crítica literária ou historiográfica. Mais que cobrir lacunas, queremos oferecer ao leitor, ou pesquisador, caminhos com que buscar as falas e os sentidos do que ainda resta emudecido, ou não de todo proferido, à espera de um sopro da história que o faça de novo vivificar. Aquilo que, como expressou Le Goff, é fruto da sociedade que o produziu, “mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio”.<sup>2</sup>

---

2 LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003, p. 538.

## DO HÁBITO E DAS MUSAS, NASCE TERMINDO SIPÍLIO, ÁRCADE ROMANO

Em 31 de outubro de 1759, quando chegou ao Brasil a ordem régia para execução da lei de 3 de setembro do mesmo ano, “dada para a proscricção, desnaturalização e expulsão dos regulares da Companhia de Jesus, nestes reinos e seus domínios”,<sup>3</sup> Basílio da Gama vestia o hábito de noviço, no Colégio Jesuítico do Rio de Janeiro. Cláusula da dita lei excetuava da punição aqueles que ainda não tinham sido professos na Ordem, desde que se desligassem dela. Era o caso de Basílio da Gama, que resistindo num primeiro momento, acabou sendo coagido, junto com outros colegas, pelo bispo da diocese do Rio, Jerônimo de Mattos, a aceitar o desligamento, ingressando no seminário.

Segundo testemunho do padre José Caeiro, o Conde de Bobadela, então governador do Rio, “depois de se entender com o Bispo, mandou, à boca da noite do último dia de fevereiro fossem levados vinte jovens para o Seminário”.<sup>4</sup> Entre eles estava Basílio, assim descrito por Caeiro: “Pela sua já notória brandura de caráter, era de admiração aos demais, por não ter caído logo com os primeiros embates; e ainda depois, cobrando maior ânimo, partiu para Roma, onde pediu o admitissem entre os companheiros”.<sup>5</sup> O que não se sabe é se sua viagem se deu logo a 16 março de 1760, na nau que levou deportados os padres da Companhia de Jesus, ou se teria viajado depois.

Os jesuítas que o acolheram em Roma, talvez pelo prestígio ou credibilidade que desfrutavam no meio acadêmico da Arcádia Romana, mais do que pela própria poesia do jovem Basílio, à época ainda incipiente e desconhecida, teriam intercedido pela sua admissão na academia literária mais prestigiada naquele momento, no universo arcádico ou neoclássico europeu. Vania Chaves comunga da plausível hipótese de que o poema *Brasilienses aurifodinae* tenha lhe servido, ainda que com a intermediação dos jesuítas, de “carta de apresentação” para o seu ingresso na Academia.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo (doravante ANTT), Armário Jesuítico, Livro 1, número 19. Em todos os documentos e manuscritos antigos, citados neste artigo, fizemos a atualização para as normas ortográficas atuais.

<sup>4</sup> CAEIRO, José. *Primeira publicação após 160 anos do manuscrito inédito de José Caeiro sobre os jesuítas do Brasil e da Índia na perseguição do Marquês de Pombal*. Bahia: Escola Tipográfica Salesiana, 1936, p. 249.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 251.

<sup>6</sup> CHAVES, Vania Pinheiro. “*Brasilienses aurifodinae*, de José Basílio da Gama: um desconhecido poema iluminista luso-brasileiro?”. *Revista Convergência Lusíada*, Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 2007, p. 135.

Em 2013, estivemos por duas semanas pesquisando na Biblioteca Angélica, de Roma, que hoje guarda os arquivos daquela que é conhecida como Accademia dell’Arcadia. O intuito era tentar descobrir rastros sobre a “Colonia oltremarina”, filial da Arcádia Romana, cuja criação, na América Portuguesa, fora indicada em documento desta Academia, no registro da sessão que diplomou como consorte o também brasileiro Joaquim Inácio de Seixas Brandão, com o codinome pastoril de Driasio Erimanteu. Tínhamos, na ocasião, o objetivo de investigar se o nome de Cláudio Manuel da Costa, que se autointitulava Glauceste Satúrnio, vice-custódio da Arcádia Romana, figurava em algum documento daqueles arquivos. Os resultados desta pesquisa foram parcialmente descritos na nossa tese de doutorado e em outros artigos. Aqui, limitaremos a relatar o que foi possível encontrar em relação a José Basílio da Gama, o Termindo Sipílio. No Catalogo manoscritto di soci per nome arcádico sotto i custodi Morei encontra-se o registro, como sócio, do “Abate Giuseppe Basílio da Gama – Americano – Termindo Sipílio”.<sup>7</sup> A titulação de abade, ainda que possa ser proveniente da sua ligação com os jesuítas, era muitas vezes simbólica, nem sempre designando alguém que realmente vestisse o hábito clerical. Não foi possível ainda precisar a data da diplomação de Basílio da Gama como árcade romano. Temos como hipótese que tal eleição ocorreu após 1760, pois dificilmente teria conseguido essa colocação ainda no ano da sua chegada a Roma. E, com certeza, em data anterior a setembro de 1762, em que o vimos participar ativamente de um grande evento realizado na Piazza Capidoglio, para abrigar a festa do concurso do “I Premi delle Belle Arti”, celebrada pela tradicional Accademia del Disegno di San Luca, fundada em 1577.<sup>8</sup> Ali, quinze representantes da Arcádia Romana declamariam seus “componimenti poetici”, entre eles, o “Signor D. Abate Giuseppe Basilio de Gama”. Foi esta, ao que se sabe, a sua primeira aparição em evento público como sócio da Academia. Um evento realizado com pompa e circunstância, no palco esplendoroso da Piazza Capidoglio, espaço ideal para um concurso de belas-artes, em que sobressaem as esculturas de Michelangelo, representando o Rio Tibre e o Nilo. Após a premiação dos vencedores do concurso, das apresentações musicais e dos discursos de praxe,

---

7 Setor de manuscritos da *Accademia dell’Arcadia* da Biblioteca Angélica. *Catalogo manoscritto di soci per nome arcádico sotto i custodi Morei* (1743-66), V, c. 273 r.

8 ACCADEMIA DEL DISEGNO DE SAN LUCA. *I Pregi delle Belle Arti: orazione e componimenti poetici*. Roma: Stamperia di Marco Pagliarini, 1762.

Michel Morei, o Mireo Rofeatico, custódio-geral da Arcádia, organizou a apresentação dos árcades, dispondo-os em ordem alfabética, “a fim de evitar qualquer distinção ou preeminência de lugar”.<sup>9</sup> Basílio da Gama foi então o sétimo árcade a apresentar. Com apenas 21 anos de idade, fazia a sua estreia pública como membro da Arcádia Romana, declamando pela primeira vez o seu poema em homenagem à Fontana di quattro fiumi, obra do escultor italiano Gian Lorenzo Bernini.

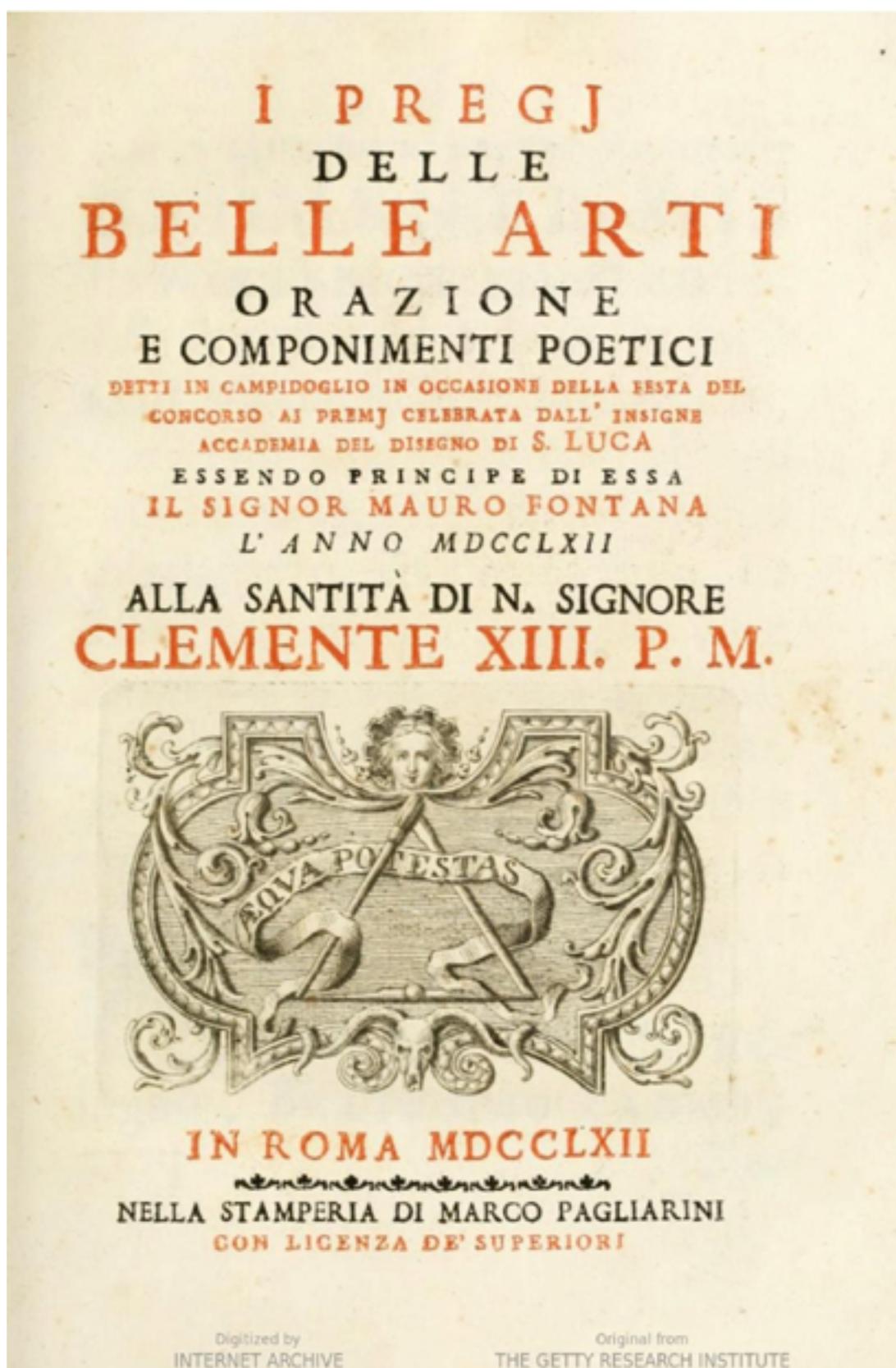


Fig. 1: Página do livro I Pregj delle Belle Arti: orazione e componimenti poetici. Roma, 1762.

<sup>9</sup> “li Signori Arcadi recitarono li seguenti Componimenti, secondo la disposizione sattane dal Signor Abate Michel Giuseppe Morei Custode Generale d’Arcadia, e nostro Accademico d’ onore, li quali per isfuggire ogni distinzione o preeminenza di luogo, si son disposti come altre volte coll’ordine alafabetico de’ nomi”. Cf. I ACCADEMIA DEL DISEGNO DE SAN LUCA, op.cit., p. 22 (tradução nossa).

Dois anos depois, o mesmo poema estaria estampado no livro *Sonetti ed orazione in lode delle nobile arti di disegno, pittura, scoltura, ed architettura*, em publicação da própria Arcádia Romana, agora reunindo cem poetas, com sonetos que tinham como tema a pintura, a escultura ou a arquitetura italiana.<sup>10</sup> O círculo intelectual e literário de Basílio se alastrava rapidamente, pois naquele mesmo ano participou de uma publicação da tradicional Accademia degli Infecundi, agremiação muito anterior à Arcádia Romana, fundada ainda em 1613. Ali, “Basilio de Gama brasileiro” fez publicar o poema “Se in tal dì che i suoi raggi il Sol d’orrore...”. Um soneto melancólico, em que se recorda, com sensibilidade, da terra pátria: “Da minha América no solo nativo;/ Entre aquelas montanhas e aqueles bosques cheios de amor...”. E fala da “passagem à grande Roma”, e do que ali, ao mesmo tempo, lhe pareceu estranho e seu.<sup>11</sup>

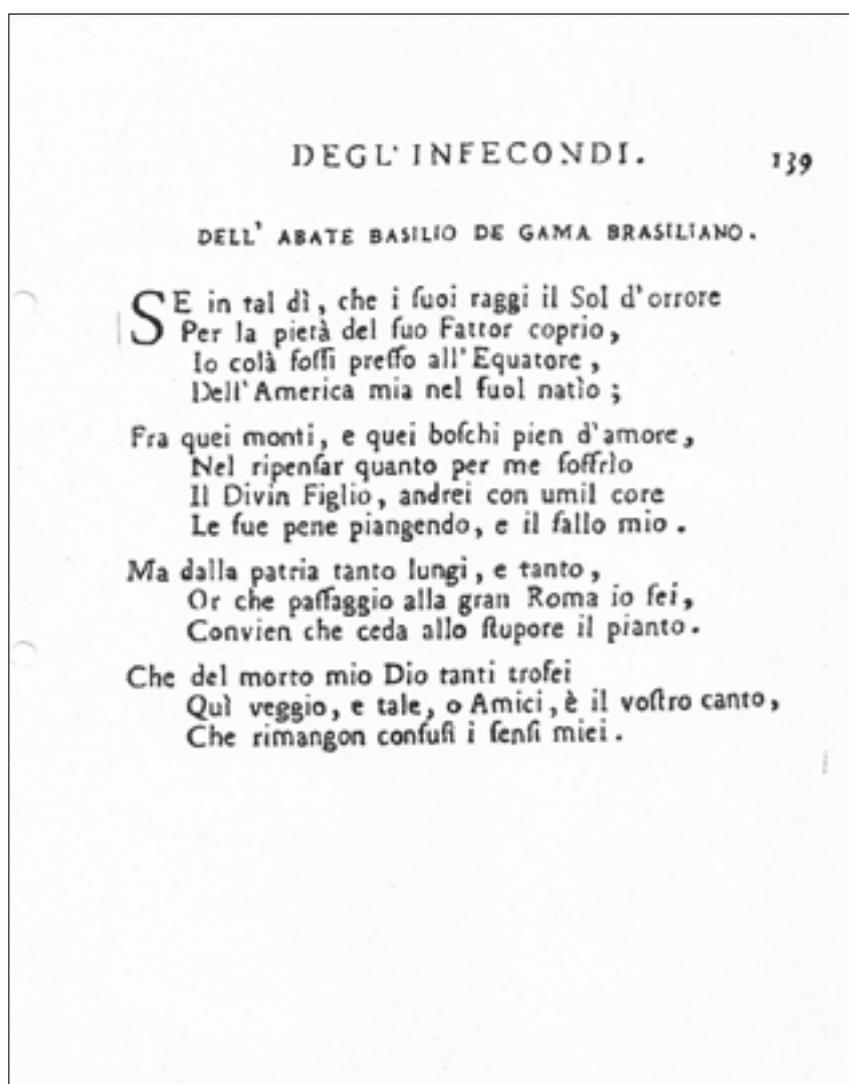


Fig. 2: Soneto de Basílio da Gama publicado no livro *Prose e versi degli Accademici Infecondi*, 1764.

<sup>10</sup> - KOMAREK, Francesco. *Arcadi – Sonetti ed orazione in lode delle nobili arti di disegno, pittura, scoltura, ed architettura* (Roma, 1764), p. 65. O nome do poeta aparece, encimando o soneto, como “Giuseppe Basilio Gama Brasileiro”. O poema faz alusão aos quatro rios que são representados na fonte, submetidos ao Tibre: Danúbio, Ganges, Nilo e o Rio da Prata. Este último, nomeado como “mio Argentaro”.

<sup>11</sup> ACCADEMIA DEGLI INFECONDI. *Prose e Versi degli Accademici Infecondi*. Tomo I. Roma: Generoso Salomoni, 1764, p. 139 (tradução nossa).

Três dos árcades que dividiram com Basílio da Gama o palco da Piazza Campadoglio, no evento de 1762, em homenagem às belas-artes, apresentando também os seus sonetos, tiveram participação significativa na cerimônia de diplomação de Joaquim Inácio de Seixas Brandão como sócio da Arcádia Romana, ocorrida entre 16 de março e 15 de abril de 1763.<sup>12</sup> Consta do seu diploma, assinado pelo custódio-geral Michel Morei, a informação de que fora indicado por Termino Sipílio e Fililo Lipareo, codinome de Enrico Turner. Já Roríssio Messênio, na Arcádia Lorenzo Sparziani, assinou como subcustódio o documento, anotando à margem, com a mesma caligrafia, a missão então conferida ao novo sócio: “Per la fondazione della Colonia Oltremarina”.



Fig. 3: Diploma de Joaquim Inácio de Seixas Brandão como Pastor da Arcádia Romana, 1763.

Essa missão, explicitada no diploma do Driásio Erimanteu, pode ser confirmada pela análise de poemas posteriores, de autoria de Seixas Brandão, Basílio da Gama e Cláudio Manuel da Costa. Quanto a Seixas Brandão, este preferiu, ao retorno à terra natal, ou à fixação em Roma, seguir para a cidade de Montpellier, matriculando-se ainda em 1765 na Faculdade de Medicina. No ano seguinte, escreve o poema intitulado “Ode a um Árcade de Roma, que ia estabelecer uma nova Arcádia no Brasil”, como que transferindo a missão, que lhe foi conferida, ao amigo

<sup>12</sup> O diploma foi divulgado pela primeira vez em CANDIDO, Antonio. “Os poetas da Inconfidência”. In: *Anuário do Museu da Inconfidência* (1993). 9 v. Quanto à data de diplomação de Seixas Brandão, foi calculado por nós na Biblioteca Angélica, em conta intrincada, já que a Arcádia Romana usava como base cronológica o ano II que se seguiu à 617<sup>a</sup> Olimpíada, que corresponde ao ano da sua fundação (1690), usando para registro dos meses e dias a nomenclatura do calendário da Grécia antiga. A data *Neomenio di Elafebolione*, que consta do diploma, corresponderia à lua nova no intervalo entre 16 de março e 15 de abril.

e consorte Termindo Sipílio.<sup>13</sup> À obviedade do título, acrescenta-se, confirmando a hipótese de que Basílio da Gama assumira essa missão, o fato de ele efetivamente ter se dirigido ao Brasil em 1766, depois de uma breve passagem por Portugal. Obedecia assim, portanto, aos primeiros versos da ode de Seixas Brandão:

Vais ver da América a silvestre face  
E a frente coroada  
De feras encarnadas e amarelas,  
E pôr-lhe, em lugar delas,  
O verde loiro, que na Arcádia nasce.

Mas Gama não pôde obedecer aos últimos versos, que previam o seu retorno heroico à Roma, e à Arcádia, onde seria festejado depois de cumprido o intento:

Outra vez tornarás, contente e pago  
A ver do Tibre vago  
As correntes, as águas singulares.  
Entrarás em o Templo da Memória;  
.....  
Entre aplausos alegres, entre vivas,  
Do Arcádico senado,  
Cingindo-te dos louros merecidos  
Suspenderás os úmidos vestidos.

Basílio da Gama se viu obrigado a abreviar sua estada no Brasil, pelas denúncias de “jesuitismo”, retornando a Portugal, para onde embarcou em 30 de junho de 1768.<sup>14</sup> O soneto “Bárbara, iníqua terra, ingrata, e injusta...”, feito quando da sua partida, só confirma a missão a ele delegada, e a impossibilidade de cumpri-la satisfatoriamente. Com ira e decepção, lamenta a “recompensa” que a pátria lhe dera, por querer adorná-la com os “louros” da Arcádia: “São estes os fantásticos agouros/ De quando adornei

---

<sup>13</sup> LAPA, M. Rodrigues. “O enigma da Arcádia Ultramarina aclarado por uma ode de Seixas Brandão”. *Suplemento Literário do “Minas Geraes”*, Belo Horizonte, ano 4, n. 174, 27 dez. 1969.

<sup>14</sup> Na verdade, Gama antecipou sua viagem, posto que seu nome constava da lista de egressos da Companhia de Jesus que deveriam retornar a Lisboa no primeiro navio que para lá fosse, a partir de agosto de 1768. Arquivo Histórico Ultramarino. Apensos do Rio de Janeiro, março de 1768. Cf. LAPA, M. Rodrigues. O enigma da Arcádia Ultramarina aclarado por uma ode de Seixas Brandão (op. cit).

a frente adusta/ De verdes, incertos, de sagrados louros?”. Para escapar novamente da perseguição contra os jesuítas, o poema indica também o desejo de retornar novamente à Roma, à sua Arcádia.

Já me aparto de ti, já me não custa  
Deixar-te, e os teus fantásticos tesouros,  
Vou ver da minha Arcádia a frente augusta  
Os olhos belos e os cabelos louros,

Com toda a ação dos braços me convida  
A grande Roma, e a pátria me desterra.  
E rende por favor deixar-me a vida;

Pagaste meu amor com dura guerra,  
És indigna de mim, desconhecida,  
Bárbara, ingrata, injusta, iníqua terra.<sup>15</sup>

José Veríssimo, em 1920, quando publicou as Obras completas de Basílio da Gama, sem ter qualquer conhecimento da ode ou do documento de posse de Seixas Brandão na Arcádia Romana; não conhecendo nem mesmo os discursos das sessões acadêmicas presididas por Cláudio Manuel, em 1768, de que falaremos adiante; intui corretamente que o poema “Bárbara, iníqua terra...” fora escrito por Gama, despedindo-se do Brasil, com pretensão de seguir para Roma naquele mesmo ano de 1768.<sup>16</sup> Mas estranhemos a forma com que o pesquisador Ivan Teixeira, conhecedor de toda a documentação faltante a José Veríssimo em 1920, desqualifica as hipóteses defendidas por este escritor. Para contestar qualquer associação do tema do poema à biografia do autor, Teixeira recorre a dicionários da época, que trariam sinônimos “puramente retóricos” para adjetivos como os usados no poema para a palavra terra; concluindo então que “a escolha dos adjetivos pode não corresponder a situações vivenciadas pelo poeta, e sim a necessidades internas do

---

<sup>15</sup> VERÍSSIMO, José. *Obras poéticas de Basílio da Gama*. Rio de Janeiro: Garnier, s.d., p. 236.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 58. Sérgio Buarque de Holanda, também então desconhecedor da ode de Seixas Brandão e do documento de Mindlin, aquiesce impressão de Veríssimo, acrescentando, ineditamente, a possibilidade de Gama ter estado no Brasil também entre 1770 e 1771, tempo em que se correspondera do Rio de Janeiro com Pietro Metastasio, em Viena. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial*. Org. de Antonio Candido (São Paulo, Brasiliense, 1991), p. 126.

texto”.<sup>17</sup> Se fossem só adjetivos, mas Teixeira sabe que não são. Os adjetivos, substantivos e verbos do soneto remetem a um enredo amplamente amparado por outros documentos, não apenas da biografia do autor, mas de todo um contexto histórico e literário do arcadismo brasileiro naquele fatídico ano de 1768.

### CERTEZAS E CONJECTURAS SOBRE A ARCÁDIA ULTRAMARINA E A “MISSÃO” DE TERMINDO SIPÍLIO NO BRASIL (1766-1768)

A presença de Basílio da Gama no Brasil, nos meses de janeiro e fevereiro de 1767, é atestada pelos poemas que foram escritos e declamados em dois eventos ocorridos no Rio de Janeiro, então sede do vice-reinado. O primeiro, na festa comemorativa do natalício do vice-rei Conde da Cunha, a 5 de janeiro;<sup>18</sup> o segundo, “por ocasião de se deitar no mar uma Nau chamada Serpente” em 8 de fevereiro de 1767.<sup>19</sup> Apelidada de Serpente, a Nau São Sebastião foi o primeiro navio construído inteiramente na América Portuguesa, às expensas da administração do vice-reinado. O contexto daqueles primeiros meses de 1767 era totalmente diferente, para Basílio da Gama e sua poesia, do que o de sete anos atrás, quando da expulsão dos jesuítas, e diferente também daquele que o poeta haveria de viver, pouco mais de um ano depois, na volta forçada a Portugal. O que estaria agora ainda a se louvar, na imagem da Nau Serpente, era um produto da indústria e do labor dos povos da sua terra, da qual àquela altura não pensava em se apartar, até pelo projeto de que se via incumbido, retransmitido a ele em 1766, na “Ode a um Árcade de Roma, que ia estabelecer uma nova Arcádia no Brasil”, de Seixas Brandão.

Voltando a esse enredo, não temos dúvida de que Basílio da Gama, nessa passagem pelo Brasil, esteve também na Capitania de Minas Gerais, onde ainda viviam seus parentes, e onde teria certamente se encontrado com o poeta Cláudio Manuel da Costa. E vamos além nas

---

17 TEIXEIRA, Ivan. *Mecenato pombalino e poesia neoclássica*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 426

18 A ode se encontra na *Coleção de poesias inéditas dos melhores autores portugueses*. Tomo I (Lisboa: Imprensa Régia, 1809), pp. 26-9.

19 O soneto foi publicado em *Ibid*, p. 129. Mas há outro manuscrito, em posse do IHGB, estampado em TEIXEIRA, Ivan. *Mecenato pombalino e poesia neoclássica* (op. cit.), p. 279, que seria uma versão mais antiga. Esta inclui o verso “Verdes Ninfas e azuis do mar undoso”, depois criticado em poema de Silva Alvarenga, publicado em TOPA, Francisco. *Para uma edição crítica da obra do árcade brasileiro Silva Alvarenga: Inventário sistemático dos seus textos e publicação de novas versões, dispersos e inéditos* (Porto: Edição do autor, 1998), p. 144. A versão da *Coleção de Poesias Inéditas* é mais lapidada, em que Gama substitui o verso citado por “verdes Ninfas gentis do mar undoso”, talvez aquiescendo a crítica do amigo e poeta árcade ultramarino.

conjecturas. Nesse encontro teria sido conversada, ou mesmo acertada, a criação próxima da colônia ultramarina da Arcádia Romana. Terminando Sipílio teria aí também, muito provavelmente, instituído Cláudio Manuel, sob o codinome de Glauceste Saturnio, como representante-mor, no Brasil, da aventada Arcádia ultramarina.

Insistimos que tais hipóteses estão fundadas e amparadas numa lógica dificilmente contestável. Do contrário, como se explica que, vinte dias antes da partida apressada de Termino para Portugal, fazia-se constar nos registros de entrada e saída da Real Mesa Censória o “livro de poesias manuscrito” com as obras de Cláudio Manuel da Costa, já trazendo, na folha de rosto, a inscrição: “Árcade Ultramarino, chamado Glauceste Satúrnio”? Que em duas canções em italiano, e em dois “romances”, na mesma publicação, aparece de novo o título de “Pastor Árcade Romano Ultramarino”; conferido não apenas a Glauceste Satúrnio, mas também aos ainda não identificados Ninfejo Calistide e Eureste Fenício? De quem poderia ter recebido Cláudio Manuel da Costa este título, senão de Termino Sipílio, o único que deteria, naquele período, no Brasil, o poder de conferi-lo?

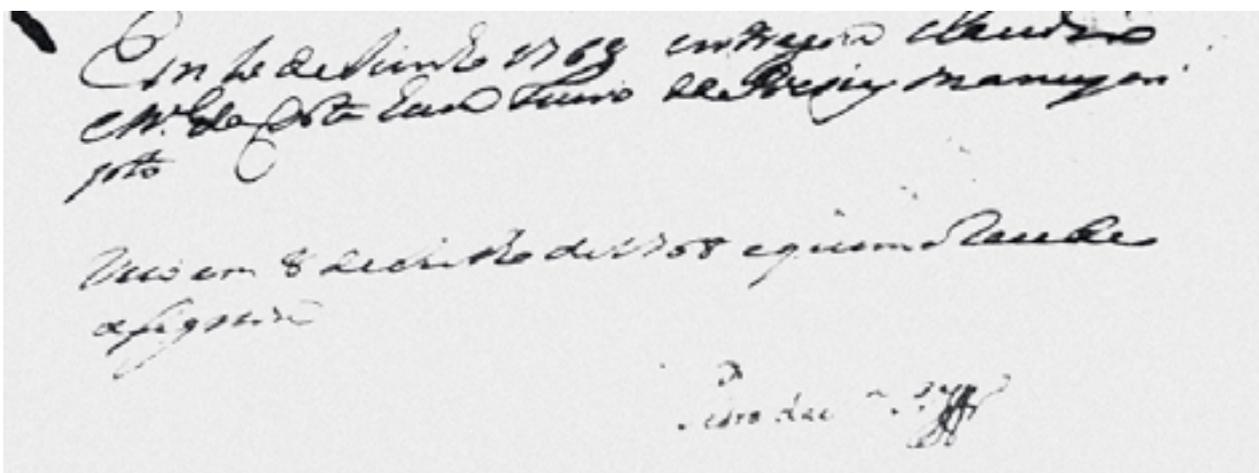


Fig. 4: Registro de entrega do livro de Cláudio Manuel para a Real Mesa Censória.<sup>20</sup>



Fig. 5: Página interna do manuscrito original do livro Obras, de Cláudio Manuel da Costa.<sup>21</sup>

<sup>20</sup> ANTT, Real Mesa Censória, Registro de entrada e saída de obras (1768-1772), livro 2, MF 6.917, p. 66.

<sup>21</sup> ANTT, Real Mesa Censória, doc. 2.113, MF 783.

No Arquivo Nacional da Torre do Tombo, tivemos acesso aos manuscritos originais do livro Obras, de Cláudio Manuel da Costa. Consta do manuscrito inúmeras alterações, feitas pelo autor e/ou pela Mesa Censória, relatadas em trabalho de crítica genética, já publicado.<sup>22</sup> Na transcrição exposta na Figura 5, como em outros exemplos dos originais, após a anotação “Pastore Arcade Romano”, consta o termo “ultramarino”, escrito com outra letra e tinta, num acréscimo feito posteriormente, não se sabe se por iniciativa dos censores ou do próprio autor. O objetivo provável, consideramos, seria realçar que o título de Arcade Romano não se referia propriamente ao ingresso do poeta na Accademia dell’Arcadia, de Roma, mas ao seu pertencimento à colônia ultramarina desta Arcádia, que estaria em processo de criação na sua terra pátria, a Capitania de Minas Gerais. Devemos mencionar também o caso dos seis sonetos em italiano, todos rabiscados, que, no exame minucioso que fizemos dos originais, constatamos terem sido acrescentados de última hora, como se para referendar a posição recentemente assumida de afiliado à Arcádia Romana, ou da sua colônia no ultramar. Destacamos um desses sonetos, na Figura 6, a seguir.

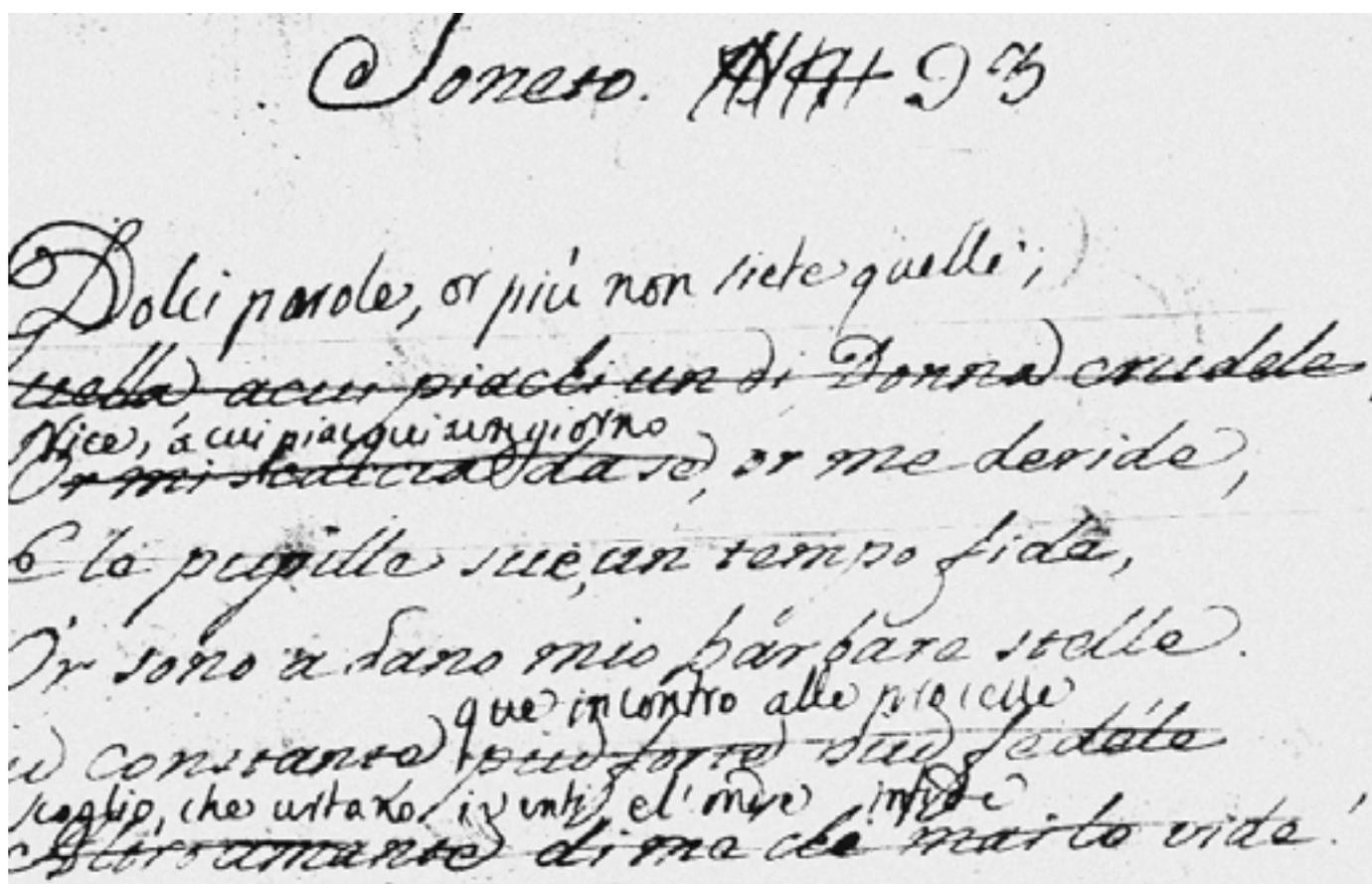


Fig. 6: Soneto em italiano, no manuscrito original das Obras.<sup>23</sup>

22 VERSIANI, Carlos. “Glauceste Saturnio e a Real Mesa Censória: Uma crítica genética das Obras de Cláudio Manuel da Costa”. *Revista de História*, São Paulo: USP, n. 170, jan./jul. 2014.

23 ANTT, Real Mesa Censória, doc. 2.113, MF 783.

As solenidades, discursos e poemas que dizem respeito especificamente à criação da Arcádia Ultramarina não contaram com a presença do seu idealizador, José Basílio da Gama, o Termino Sipílio. Mas seu nome foi ali cantado e decantado, pelo consorte Cláudio Manuel da Costa. São documentos que se acrescentam ao rol comprobatório da íntima participação de José Basílio da Gama na tentativa de implantação da filial da Arcádia Romana no Brasil. Por 163 longos anos os documentos manuscritos que registram as sessões acadêmicas presididas por Cláudio Manuel estiveram esquecidos, até que um livreiro de Paris, que os tinha em suas gavetas, deparando-se com o interesse de um pesquisador brasileiro pelos assuntos do século XVIII, lhe apresentou essas relíquias. Caio de Mello Franco então, entusiasticamente agradecido, as publicou, para felicidade geral dos historiadores e críticos da literatura brasileira.

Na verdade, os manuscritos passados a Mello Franco compreendiam duas solenidades distintas: a de homenagem à posse do Conde de Valadares, em 4 de setembro de 1768, e a comemorativa do aniversário daquele governador, a 5 de dezembro do mesmo ano. Esta publicação conjunta tem propiciado alguma confusão de entendimento sobre em que data estaria efetivamente sendo criada, ou sendo declarado o nascimento da Arcádia Ultramarina, como afiliada à Arcádia Romana, na capital das Minas Gerais. Na leitura que fazemos dos documentos e poemas, entendemos que a cerimônia de setembro foi apenas um prenúncio, e o nascimento da Arcádia teria se dado efetivamente a 5 de dezembro de 1768. O detalhamento sobre os motivos que embasaram essa leitura se encontra em outra publicação.<sup>24</sup> Por ora, nos deteremos apenas nas referências e deferências que Cláudio Manuel faz a Termino Sipílio, e à Arcádia Romana, nos diversos documentos, justamente como amparo à tese da ligação entre a Arcádia Ultramarina e a Arcádia Romana, por intermédio da ação de Basílio da Gama, nesse trajeto percorrido desde a diplomação de Seixas Brandão.

Na reunião do dia 4 de setembro, apenas no discurso “Para terminar a Academia”, aparece menção à “nascente Colônia Ultramarina”. É quando Cláudio Manuel anuncia outra sessão para o “dia felicíssimo” do natalício do conde, em 5 de dezembro de 1768, o que seria a cerimônia oficial do

---

<sup>24</sup> VERSIANI, Carlos. “A Arcádia Romana e a Arcádia Ultramarina: Diálogos literários entre a Itália e o Brasil na segunda metade do século XVIII”. *Revista O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte: UFMG, 2019.

nascimento da Arcádia Ultramarina, quando então se juntariam “desde a maior distância os Pastores alistados...”.<sup>25</sup> Neste discurso, prometendo honrar a filiação à Arcádia Romana, Cláudio Manuel afirma que ela não se envergonhará “de haver repartido para tão remotos climas o esplendor luminoso da sua República”. Realmente, no dia marcado, na folha de rosto do poema “Parnaso obsequioso”, drama composto especialmente em homenagem ao conde, Cláudio Manuel já se intitula “Criado pela Arcádia Romana Vice Custode da Colônia Ultramarina, com o nome de Glauceste Saturnio”.<sup>26</sup>

No rol das homenagens poéticas, há um poema que não integra os manuscritos entregues a Caio de Mello Franco. Trata-se da “Saudação à Arcádia Ultramarina”, publicado na Coleção de poesias inéditas dos melhores autores portugueses, de 1810. No poema, Cláudio Manuel vê inscritos nos troncos das árvores de Minas, os nomes dos pastores da “nascente Arcádia”, entre eles o de Termindo Sipílio. Na verdade, Termindo, citado três vezes, é o grande homenageado do poema, o que também referenda a participação pessoal de Gama na criação da Arcádia Ultramarina, como filial em Minas da sua Academia Romana. Limitamos a transcrever aqui as estrofes em que aparece menção ao Termindo Sipílio:

Enfim eu vos saúdo, Ó campos deleitosos,  
Vós, que à nascente Arcádia em grato estudo  
Brotando estais os loiros mais frondosos;  
Eu vos vou descobrindo,  
Belas estâncias do pastor Termindo.

.....

Na mais copada faia  
Abriu o férreo gume  
O nome de Termindo; o Sol, que raia,  
Aqui bate primeiro o claro lume;  
Ele o vê, ele inveja,  
Eterno o nome, eterno o tronco seja.

---

<sup>25</sup> PROENÇA FILHO, Domício (Org.) *A poesia dos inconfidentes. Poesia completa de Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 341.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 321. Se Cláudio Manuel se nomeia vice-custódio, quem seria então o custódio, o presidente da Arcádia? Em 1768, Giuseppe Broggi, custódio-geral da Arcádia Romana, que sucedera em 1766 a Michel Morei. Para todas as dezenas de colônias da *Accademia dell'Arcadia*, a autoridade máxima se denominava vice-custódio.

\*

Em vós, ó campos, cresça  
A vegetante pompa,  
Cresça o verde esplendor; em vós floresça  
A murta, o loiro, e na doirada trompa  
Do monstro sempre errante,  
O nome de Termindo se levante.<sup>27</sup>

O poema retrata Basílio da Gama, o Termindo, como precursor, pioneiro, cujo nome está reservado à “mais copada faia”, a quem primeiro o “Sol, que raia”, deixou em Minas “o claro lume”. Mas também é retratado como signo protetor, que seguiria sempre associado ao florescimento daquela Academia.

A discussão sobre a existência objetiva dessa Arcádia, como instituição acadêmica regular, oficial, com registros, livros e reuniões ordinárias, sempre foi muito controversa e polêmica. A nós, como já manifestamos exaustivamente em outros trabalhos, interessa a existência da Arcádia Ultramarina como um movimento literário de grande alcance, que interligava, histórica e literariamente, os poetas árcades brasileiros, nos dois lados do Atlântico: do Bosque Parrásio às montanhas e grutas de Minas; das ninfas do Mondego e do Tejo às águas turvas do Ribeirão do Carmo; do Campidoglio e do Tebro augusto aos indígenas das planícies do Uruguai.

Alguém já disse, com propriedade, que o “Se” não existe na ciência da história. No sentido de que não pode haver certeza que, se algo não houvesse ocorrido, as coisas teriam se passado de outra determinada forma. Mas consideramos que não se pode eliminar do historiador o exercício da conjectura, ou do questionamento. Poderíamos, portanto, perguntar, num exercício hipotético: se Basílio da Gama não fosse obrigado ao regresso apressado à Europa, em junho de 1768, e tivesse participado ativamente, ou presencialmente, do processo de criação da Arcádia Ultramarina, o seu desfecho e futuro, como instituição acadêmica, seria mais longo e promissor? Mas deixemos a pergunta, para a qual não existe resposta, pairando no ar, para que ela assim provoque nosso olhar

---

<sup>27</sup> O poema foi também publicado em RIBEIRO, João. *Obras poéticas de Cláudio Manoel da Costa* (Rio de Janeiro, Garnier, 1903). Originalmente, é o poema que abre a *Coleção de poesias inéditas dos melhores autores portugueses*. Tomo III (Lisboa: 1810), pp. 3-5. Há a hipótese de que este poema não tenha sido apresentado em 5 de dezembro de 1768, mas em uma reunião posterior. É como se pode entender, que de semente, já passara a Academia a brotar “os louros mais formosos”, como expressa o poeta na primeira estrofe. Na falta de outros documentos, o poema pode se configurar no primeiro indício de que a vida acadêmica da Arcádia Ultramarina não se restringiria aos conhecidos eventos do ano de 1768.

investigativo sobre Termino, sobre o que ele representou em todo esse processo, que aqui, brevemente, acabamos de apresentar.

## **A “GUERRA DOS POETAS” E AS REDES DE SOCIABILIDADE DE BASÍLIO DA GAMA NO UNIVERSO ARCÁDICO E POLÍTICO LUSITANO**

Nos idos da década de 1760, na ressurreta Lisboa, foi declarada uma guerra, na qual o combate entre as hostes inimigas se fazia pela pena dos poetas, que alinhados em diferentes frentes da Arcádia, usavam do gume afiado dos seus versos para tentar aniquilar os adversários. Os combates se estenderam por quase quatro décadas, pois enquanto predominou o império do gosto arcádico, as batalhas satíricas se fizeram. Nelas também figuravam, formando fileiras em pelotão reforçado, os “soldados” ultramarinos, árcades brasileiros que viviam ou se encontravam em passagem pelo reino. As ruas, tavernas e academias de Portugal se tornariam, então, palcos de incessantes batalhas, das quais vencedores e vencidos recolheriam os louros e as inglorias, dessa famigerada e inolvidável “Guerra dos Poetas”.

O tom jocoso do parágrafo anterior busca se assemelhar ao “espírito” que movia os poetas árcades nessa “guerra” literária. Na verdade, o termo “Guerra dos Poetas” alcunhou o aparecimento em Lisboa de uma série de poemas satíricos, anônimos ou com reconhecida autoria, compostos por diferentes grupos nos quais se arregimentavam os poetas; sátiras que quase sempre originavam réplicas e trélicas adversárias, e não raro resvalavam para ofensas pessoais e para a linguagem chula, ou vulgar. O marco inicial desta “guerra” estaria relacionado à criação, em 1756, da Arcádia Lusitana ou Ulissiponense; da oposição que se firmou, a partir de então, entre alguns dos seus sócios, como Pedro Antônio Correia Garção e Antônio Diniz da Cruz e Silva, e poetas dissidentes que comporiam o chamado grupo da Ribeira das Naus, assim denominado pelos seus integrantes se reunirem nesta região da área baixa de Lisboa, hoje Arsenal da Marinha. Mas os embates satíricos se expandiram também para outros pequenos grupos, que entre o Tejo e o Mondego se articulavam. Em uma frente de batalha se agrupavam os árcades brasileiros José Basílio da Gama, Manuel Inácio da Silva Alvarenga e Inácio José de Alvarenga Peixoto.

O episódio da chegada, no início da década de 1770, nos palcos e nos espaços públicos de Lisboa, da bela cantora e atriz italiana Anna

Zamperini, reacendeu o entusiasmo e o furor dos poetas, que por sua causa novamente se gladiariam através de poemas satíricos. A queda do Marquês de Pombal, em 1777, também significou novos estímulos para a irrupção das sátiras, desta feita quase uníssonas, uma vez que constituiriam raríssimas exceções os poetas que ousaram sair em defesa do outrora todo poderoso ministro do rei D. José I. E em 1790, com a fundação em Lisboa da chamada Nova Arcádia, a “Guerra dos Poetas” passaria a contar com novos enredos e personagens, tendo entre os protagonistas outro árcade brasileiro, Domingos Caldas Barbosa; este, assim como Termino Sipílio e Driasio Erimanteu, também sócio da Arcádia Romana, com o codinome de Lerenio Selenuntino.<sup>28</sup>

Um dos pesquisadores portugueses que primeiro atentou para a importância histórica e literária da “Guerra dos Poetas” foi Teófilo Braga, que tentou estabelecer, a partir de fontes diversas, a distinção entre os grupos, e nomear os seus respectivos integrantes.<sup>29</sup> Alberto Pimentel, por sua vez, publicou em 1907 a *Zamperineida*, reunindo sátiras escritas entre 1772 e 1774.<sup>30</sup> Outros que trataram o tema, inclusive detalhando melhor a participação dos poetas árcades brasileiros, foram Manuel Rodrigues Lapa e, mais recentemente, Francisco Topa.<sup>31</sup> A eles e a outros pesquisadores recorreremos neste tópico, que visa estudar mais especificamente a participação de Basílio da Gama nesses episódios, através de poemas e documentos que possam revelar algo novo, não somente quanto aos debates satíricos de que Gama participou, mas às redes de sociabilidade que construiu, ao longo de três décadas, pelos círculos do reino português.

Em 1765, vindo de Roma e encontrando-se em Lisboa, antes de passar ao Brasil, Basílio da Gama foi o primeiro árcade brasileiro a se envolver explicitamente na chamada “Guerra dos Poetas”. Aproximou-se então, do grupo de dissidentes da Arcádia Lusitana, acabando por se tornar um ferrenho opositor de Correia Garção e de Cruz e Silva, representantes

---

<sup>28</sup> VICHI, Anna. *Gli Arcadi dall 1690 al 1800 – Onomasticon*. Roma: Arcadia – Accademia Letteraria Italiana, 1977, p. 159.

<sup>29</sup> BRAGA, Teófilo. *História da Literatura Portuguesa: Os Árcades*. Vila da Maia: Ed. Imprensa Nacional, 1984. 4 v.

<sup>30</sup> PIMENTEL, Alberto. *Zamperineida: Segundo um manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa* (Lisboa, Livraria Central, 1907). O manuscrito foi confrontado por Pimentel com outro encontrado na Torre do Tombo.

<sup>31</sup> LAPA, Manuel Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro, INL, 1960; e TOPA, Francisco. *Para uma edição crítica da obra do árcade brasileiro Silva Alvarenga: Inventário sistemático dos seus textos e publicação de novas versões, dispersos e inéditos*, op. cit.

mores daquela Arcádia. Não podemos ainda afirmar de quem partiram as primeiras farpas, se de Basílio, ou dos seus opositores. Mas Correia Garção assim saudaria a chegada de Basílio da Gama, vindo do Bosque Parrásio de Roma:

Quem vem lá? Quem nos honra? É estudante,  
Que das musas quer ter o magistério.  
Aprendeu com varões do sacro império;  
Porém se tolo foi, veio ignorante.

Examinado ele é um pedante,  
Das Musas portuguesas vitupério.  
Foi criado no cálido hemisfério,  
Fidalgo pobre, cavaleiro andante.

Do alto monte, que é aos céus vizinho  
Só ele o alado bruto enfreia e doma,  
Faz castelos no ar de cedro, e pinho.

O louro quando quer, despreza, e toma:  
Arredem-se senhores do caminho,  
Passe o = Caqui = porque chegou de Roma.<sup>32</sup>

Correia Garção denigre o poeta brasileiro em várias frentes satíricas. Primeiramente, acusa-o de mero aprendiz, que quer se fazer professor de poesia, tendo iniciado seu aprendizado com os então execrados jesuítas (“varões do sacro império”). Depois o diminui, por ter sido criado na América Portuguesa (“no cálido hemisfério”), e carregar nome de fidalgo (Gama) sendo um pobre quixotesco (“cavaleiro andante”). Por fim despreza ironicamente a sua chegada imponente a Lisboa, vindo da Arcádia Romana, e dá passagem ao “senhor caqui” (alusão à fruta característica dos campos brasílicos). Transcrevemos, a seguir, a “resposta” de Basílio da Gama, embora não tenhamos certeza, de fato, se de Garção nasceu a provocação, e de Basílio a respectiva réplica:

---

<sup>32</sup> CHAVES, Vania Pinheiro. *O Uruguai e a fundação da literatura brasileira* (Campinas: UNICAMP: 1997), p. 78. Esta versão foi transcrita do Ms 8582 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Lisboa, três de Abril. Cheio de sarro,  
Roto o vestido, hirsutos os cabelos,  
A boca negra, os dentes amarelos,  
Envolto em homem gira um certo escarro.

Reger das Musas o soberbo carro  
Quis, mas porém frustraram-se os desvelos.  
Morde no chão, arranha-se de zelos  
A frágil criaturinha, que é de barro.

Do áureo coche as rédeas prateadas  
Larga, atrevido! Põe-te na traseira,  
Segue de teus avós, segue as pisadas.

A Gazeta até aqui vai verdadeira,  
Ficam quatro folhinhas reservadas  
Que prometo mandar-te na primeira.<sup>33</sup>

Não é possível precisar, sem outros elementos adicionais, a data deste poema de Basílio da Gama. Se pudéssemos localizar o evento ocorrido em Lisboa no dia 3 de abril, de que faz menção a primeira estrofe do soneto, haveria um reforço importante para a sua contextualização. Mas podemos dizer que foi escrita entre 1765 e 1766, quando Basílio se encontrava em Lisboa, antes de partir para o Brasil. Período em que a *Arcádia Lusitana* já não desfrutava de tanto prestígio, e os “desvelos” de Garção, em “reger das Musas o Soberbo carro”, encontravam-se frustrados. No poema, Basílio da Gama desce também ao nível das críticas pessoais, fazendo a caricatura das feições físicas do adversário. E responde à ironia sobre sua origem pobre e colonial, ao lembrar-se dos ancestrais de Garção, filho de fidalgo, mas bisneto de plebeu.<sup>34</sup> Na última estrofe, uma referência à *Gazeta de Lisboa*, semanário do qual o árcade português foi diretor de redação entre 1760 a 1762, quando então foi

---

<sup>33</sup> Foi publicado pela primeira vez em BRAGA, Teófilo. *A Arcádia Lusitana* (Porto: Livraria Chardron, 1899), p. 337.

<sup>34</sup> O pai de Correia Garção, fidalgo da Casa Real, foi Cavaleiro da Ordem de Cristo, Familiar do Santo Ofício e Oficial Maior da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros. Seu avô era clérigo e o bisavô sapateiro. Cf. GARÇÃO, Pedro Antônio Correia. *Obras Completas*. 2. ed. Texto fixado, pref. e notas de Antônio José Saraiva (Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1982), p. VII.

proibida a sua impressão por ordem de Pombal.<sup>35</sup> Basílio da Gama parece ironizar o trabalho de Garção na Gazeta, que já então se encontraria fechada, reservando para si “quatro folhinhas” do primeiro número de um possível renascimento do periódico.

Já é muito conhecida a história do retorno de Basílio da Gama a Portugal, em 1768, quando logrou escapar do degredo em Angola, usando da feliz estratégia de produzir o Epitalâmio às núpcias da Senhora Dona Maria Amália, saudando o casamento da filha daquele que seria o responsável último por aquele degredo, o poderoso Conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal. O poema O Uruguai, publicado em 1769, faria parte desse contexto de aproximação com o ministro, embora não endossemos interpretações que alinhem esta obra-prima, e todo o seu rico conteúdo, de forma direta e subordinada, ao dito “mecenato pombalino”. Ainda que a feitura do poema tenha se ajustado à política pombalina antijesuítica (do contrário não teria provocado uma “resposta apologética” de mais de trezentas páginas, escrita por um frei da Companhia de Jesus),<sup>36</sup> a epopeia em si traz um enredo e uma estrutura muito mais ampla e complexa. E nela irrompe, a nosso ver, com muito mais força, ritmo e plasticidade, a narrativa que focaliza os personagens indígenas.<sup>37</sup>

Mas voltando ao enredo da “Guerra dos Poetas”, depois do retorno do Brasil e de já haver publicado O Uruguai, Basílio da Gama foi alvo de outro ataque satírico, desta feita por parte de Antônio Diniz da Cruz e Silva, num episódio que envolveu dois outros árcades brasileiros, suas companhias constantes nos círculos literários e sociais portugueses, entre os finais das décadas de 1760 e 1770: Inácio José de Alvarenga Peixoto e Manoel Inácio da Silva Alvarenga. O episódio teve início com a crítica de Diniz a Alvarenga Peixoto, então juiz em Sintra, pelo verso “Por mais que os alvos cornos curve a Lua”, com que iniciara um soneto.

Na sátira, Diniz deixa explícito o endereço da crítica: “certo aldeão de Sintra”, o “grão doutor que cornos deu à lua”. Mas atinge, indiretamente, Basílio da Gama, pois a metáfora criticada, a que associa a imagem da

---

<sup>35</sup> O último número da Gazeta de Lisboa, sob a direção de Garção, saiu a 15 de junho de 1762. O periódico retornaria apenas em 15 de junho de 1778, após a morte de D. José I e a queda do Marquês de Pombal. Arquivo da Biblioteca Nacional, Microfilme J2510 M, Rolo 26: “Gazeta de Lisboa, 4 de outubro de 1759 a 30 de outubro de 1778”.

<sup>36</sup> KAULEN, Lourenço. *Resposta apologética ao poema intitulado O Uruguai composto por José Basílio da Gama*. Lugano: s/e, 1786.

<sup>37</sup> Discutimos essa questão em VERSIANI, Carlos. “A representação arcádica do índio brasileiro: O Uruguai, de José Basílio da Gama”. *Revista Amerika*, v. 14, jul. 2016.

lua crescente com os chifres de um animal, já havia sido anteriormente utilizada no poema O Uruguai; para dizer da passagem temporal de dois meses, o poeta recorreu à expressão: “Duas vezes a lua prateada/ curvou no céu sereno os alvos cornos”.<sup>38</sup> Quem saiu em defesa de Alvarenga e Basílio foi o amigo e conterrâneo Manuel Inácio da Silva Alvarenga, no poema intitulado “Mentirei ou direi a verdade”. Ali, referindo-se ao poema O Uruguai, Silva Alvarenga vocifera:

Ladrem cães contra a Lua; enquanto ileso  
este novo Poema se conserva  
por feliz monumento que assinale  
das belas letras o nascente gosto.

O alvo de Silva Alvarenga seria mesmo Diniz da Cruz e Silva, a quem descreveu mais detalhadamente em estrofes anteriores do mesmo poema:

O mau poeta, o crítico pedante,  
Que um prólogo francês tem lido apenas  
E já crê ser Despreaux, sem que ainda honrasse  
De suas reflexões nem de seus versos  
A casa do Borel (...)

\*

Eu, que o conheço, sempre acautelado,  
Tenho trancada a porta, que não venha  
Secar-me com seus versos inoportunos.<sup>39</sup>

Em réplica posterior, Cruz e Silva investe ferozmente contra Silva Alvarenga, utilizando para isto a figura nada cortês de um burro:

---

<sup>38</sup> VERÍSSIMO, José. *Obras poéticas de Basílio da Gama*, op. cit., p. 101.

<sup>39</sup> TOPA, Francisco. *Para uma edição crítica da obra do árcade brasileiro Silva Alvarenga: Inventário sistemático dos seus textos e publicação de novas versões, dispersos e inéditos*, (op. cit.), pp. 142-3. O alvo da sátira (Cruz e Silva) se confirma pela menção ao “prólogo Francês” e à crença em “ser Despreaux”. Isto porque *O Hissope* (obra mais famosa de Diniz, que desde 1765 corria manuscrita em Lisboa) teria algum parentesco com *Lutrín*, poema heroico-cômico de autoria do francês Boileau-Despreaux. A referência à “casa do Borel” se explica pelo fato do árcade lusitano ainda não ter, à época, nenhuma publicação impressa. Ainda não teria “honrado”, portanto, a casa do sr. Borel, grande editor de Lisboa.

Que é este animal, que galopando  
Em torno dessa fétida lagoa  
(Diz a Apolo Thalia) o Pindo atroa,  
Com zurros nossa música turbando?

\*

Então Apolo torna à Ninfa, rindo:  
É Palmireno, que eu mudei em burro,  
Em pena d'incensar o vão Termindo.”<sup>40</sup>

O fato de Diniz se referir a Silva Alvarenga como “Alcindo Palmireno”, indica que o codinome pastoril adotado pelo poeta, como Árcade Ultramarino, já era conhecido nos círculos de Lisboa. Com este codinome assinou, inclusive, a sua primeira obra publicada, em 1772: “A Termindo Sipílio Árcade Romano de Alcindo Palmireno Árcade Ultramarino. Epistola”. Esta publicação realmente “incensa”, para usar a expressão de Diniz, o conterrâneo Basílio da Gama, que teria sido, afinal, o responsável por constituí-lo “árcade ultramarino”, e como tal, supostamente filiado à sua Arcádia Romana.

Os três poetas brasileiros, unidos nas batalhas satíricas, também dividiam os círculos sociais da bela cidade de Sintra, tendo como ponto de encontro a residência de Alvarenga Peixoto, pelo menos no triênio que ali viveu, ocupando o cargo de juiz. A eles se juntavam, episodicamente, Domingos Caldas Barbosa, Seixas Brandão e o irmão de Basílio da Gama, também literato, padre Antônio Caetano de Almeida Villas Boas.<sup>41</sup> No círculo dos poetas, despontava como musa a jovem viúva Condessa de Soure, a também poeta D. Joana Isabel de Lencastre. Esta inspirou igualmente as líras de Basílio da Gama, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga e Domingos Caldas Barbosa.

A ligação deste último a Basílio da Gama seria muito mais antiga. Além de consortes da mesma Arcádia Romana, na qual Caldas Barbosa ingressara em 1772, com o codinome de Lerenio Selenuntino, os dois conviveram, quando rapazes, no Colégio Jesuítico do Rio de Janeiro. Da

---

40 Ibid., p. 70.

41 Esses encontros em Sintra são mais detalhados, com alguma documentação, em LAPA, Manuel Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto* (Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960). Quanto ao irmão de Basílio da Gama, nos arquivos da Torre do Tombo encontramos dois sonetos sacros com indicação de autoria do padre A. C. de Almeida Villas Boas. ANTT, Manuscritos da Livraria, MF 596, livro 184, segunda página não numerada e seguintes.

mesma idade que Basílio da Gama, Domingo Caldas Barbosa era também noviço, quando chegou a ordem de expulsão dos jesuítas. O padre Caeiro, em obra citada, menciona Domingos Barbosa como um dos noviços que, tal como Basílio, demonstraram resistência ao desligamento da ordem jesuítica.<sup>42</sup> Agora, grande músico e poeta, devia animar, com seus lundus e modinhas, as reuniões na casa de Alvarenga em Sintra. Sabe-se que era um dos mais entusiasmados no louvor poético aos dotes de D. Joana de Lencastre. Em resposta a um dos poemas de Caldas Barbosa, D. Joana compôs esta quadra:

Não me engana o espelho cristalino,  
Nele vejo, ó Lerenó, o meu defeito;  
Mas nem sinto da inveja o baixo efeito,  
Nem infeliz por isso me imagino.<sup>43</sup>

Rodrigues Lapa, em seu livro sobre a vida e obra de Alvarenga Peixoto, traz documentos que revelam contenda em que um adversário do Padre Caetano Villas Boas, irmão de Basílio da Gama, denuncia a forma “abusada” que os irmãos desfrutavam da hospedagem de Alvarenga em Sintra. Descontando-se os exageros provenientes da disputa, e da ira com que expressa o acusador, suas palavras indicam que a casa de Alvarenga, em Sintra, seria realmente bastante frequentada por Basílio da Gama e pelo seu irmão:

[...] passa como verdade sabida que seu irmão José Basílio da Gama, hoje oficial da Secretaria dos Negócios do Reino, nunca teve outro amparo nem outra casa, nem outra mão que o socorresse, nem outros merecimentos que o despachassem senão o patrocínio do Dr. Ouvidor, em 7 ou 8 anos de Portugal, e o mesmo vigário continuamente se utilizava dos favores do dito Ouvidor na companhia de seu irmão nos tempos de férias e em todos os mais que da sua casa se quis servir [...] Disto podem ser testemunhas todas as pessoas da Vila de Sintra, sem exceção de nenhuma; e como a maior parte da fidalguia, negócio e estrangeiros, frequentam nas estações calmosas aquele país, todos

---

<sup>42</sup> CAEIRO, José. *Primeira publicação após 160 anos do manuscrito inédito de José Caeiro sobre os jesuítas do Brasil e da Índia na perseguição do Marquês de Pombal*, p. 241.

<sup>43</sup> TOPA, Francisco. *A Musa Trovadora: Dispersos e inéditos de D. Joana Isabel de Lencastre Forjaz*. Porto: edição do autor, 2002, pp. 60-1.

podem dar um abonado testemunho desta verdade, já constante nesta vila por cartas dos mesmos irmãos, favorecidos ainda antes que o Dr. Ouvidor para cá viesse.<sup>44</sup>

Varnhagen, no seu *Florilégio da poesia brasileira*, revela-nos também um episódio muito singular e pitoresco de Basílio da Gama, acontecido na aprazível Vila de Sintra. O episódio teria sido lhe repassado por “pessoas que conheceram muito José Basílio”, de quem ouviu ser um “homem de bom trato [...], dotado de serenidade de espírito, e de veia fecunda em anedotas”. O caso relatado por Varnhagen é deveras anedótico, e, segundo o pesquisador, “caracteriza seu bom humor e sangue frio”. Varnhagen conta que “frequentava José Basílio muito os passeios a Sintra; e uma vez foi roubado no caminho”. Os ladrões, depois de tomarem todas as suas roupas, disseram-lhe, jocosamente, que se “pusesse ao fresco”. Ao que Basílio, “que estava nu”, retrucou: “Já não me posso pôr mais”. E completou gracejando: “Vm.ces se acaso ficam quentes é à custa da minha roupa”.<sup>45</sup>

#### **ATRIBUIÇÕES DE BASÍLIO DA GAMA COMO OFICIAL DO GABINETE DO MARQUÊS DE POMBAL**

Vinte de janeiro de 1774, morada de D. João Vicente de Saldanha Oliveira e Sousa Juzarte Figueira, Morgado de Oliveira, no Palácio da Anunciada, em Lisboa. Encontramos novamente juntos Basílio da Gama e Alvarenga Peixoto, para uma sessão poética em homenagem ao Marquês de Pombal. Certamente, estaria presente a esposa de D. João Vicente, a D. Maria Amália, filha do marquês, a quem Basílio da Gama, cinco anos antes, dedicara o *Epitalâmio*, que o livrara do degredo de Angola. A notícia desse encontro foi trazida por Rodrigues Lapa, para quem, na ocasião, Alvarenga teria recitado a ode “Não os Heróis, que o gume ensanguentado”, poema que finaliza com o elogio ao marquês: “Vale mais do que um rei um tal vassalo:/ graças ao grande Rei que soube achá-lo”.<sup>46</sup> Ambos, Basílio da Gama e Alvarenga, seriam proximamente beneficiados por Pombal; o primeiro assumiria, cinco meses depois, o cargo de oficial escrivão do ministro; o segundo receberia a nomeação, um ano

---

44 LAPA, Manuel Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*. Rio: Instituto Nacional do Livro, 1960, p. XIX-XX. Lapa indica a fonte de que se serviu: AHU, Documentos em organização de Minas, maço 20.

45 VARNHAGEN. *Florilégio da Poesia Brasileira*. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850, p. 277.

46 LAPA, Manuel Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*, p. XXVII.

mais tarde, para o cargo de ouvidor da Comarca do Rio das Mortes, na Capitania de Minas Gerais.

A admissão de José Basílio da Gama, em 6 de junho de 1774, para o cargo de oficial na Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, certamente lhe conferiu um grande destaque social. Embora, a nosso ver, exista uma tendência na historiografia brasileira de supervalorizá-lo, como se Gama fosse o único oficial, ou o mais graduado, do ministério de Pombal. Não era o único, e tampouco o mais importante. A admissão de Gama teria se dado com a reforma do secretariado ocorrida com a demissão e degredo do secretário adjunto de Pombal, o outrora poderoso José Seabra da Silva, em maio de 1774.<sup>47</sup> A função de Basílio da Gama na Secretaria de Estado seria a de escrivão, de amanuense particular do Marquês de Pombal. Assim confirma a fonte mais noticiada por descrever, mesmo de forma indireta, o seu trabalho naquele ministério. Jacome Ratton, francês naturalizado português, nas suas memórias dos mais de sessenta anos que residiu em Lisboa, escritas em 1813, comentou uma conversa que teve com Basílio da Gama, a respeito do modo como Pombal conseguia aturar a intimidade de certo clérigo, descrito como “de pouca instrução e talento”, fazendo-se quase sempre acompanhar-se do mesmo nos passeios à cidade:

Notando eu isto a José Basílio, autor do poema Uruguai, oficial da Secretaria, ele me tornou que o Conde se servia daqueles indivíduos como de almofadas para seu encosto, que lhe não interrompiam as suas meditações sobre matérias de importância, de que quase sempre se achava ocupado o seu pensamento; e que ao mesmo tempo o livravam de importunos, durante as suas digressões; porque nunca o Conde lhe ditava melhor as coisas do que nas noites precedidas dos passeios com o dito padre.<sup>48</sup>

Há também menção sobre as funções desempenhadas por Gama na secretaria do reino em carta de próprio punho do Marquês de Pombal,

---

<sup>47</sup> Seabra foi o autor da “Dedução Cronológica”, publicada em 1768, maior libelo antijesuítico da era pombalina. É corrente em Portugal que sua demissão e degredo se deveram ao conhecimento que tinha do plano maquinado por Pombal junto ao rei D. José I, para nomear como sucessor do trono o seu neto D. José, ao invés da filha D. Maria, pela sua animosidade para com o marquês. Basílio da Gama chegou a escrever um soneto, tendo como mote a saída de Seabra do ministério, com o seguinte título: “A certo indivíduo que sendo protegido pelo Marquês de Pombal incorrera depois no seu desagrado”. Cf. VERÍSSIMO, José. *Obras poéticas de Basílio da Gama*, op. cit., p. 213.

<sup>48</sup> RATTON, Jacome. *Recordações de Jacome Ratton sobre ocorrências do seu tempo em Portugal, durante (...) maio 1747 a Setembro de 1810, que residiu em Lisboa...* 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1920.

uma das muitas que escreveu para justificar ações do seu ministério, após sua queda, em 1777. Referindo-se, no manuscrito, a “uma secretíssima correspondência” que estabelecera com o Duque de Manchester (um conjunto de cartas escritas na língua inglesa), o ministro diz que, após sair do governo, as deixara “na secretaria de estado debaixo da inspeção do oficial da secretaria José Basílio, como único amanuense, que tinha sido delas, para as entregar ao ministro, que fosse nomeado para meu (seu) sucessor”.<sup>49</sup>

Parece-nos claro que Basílio da Gama ocupava um cargo valorizado, de confiança; e a delegação das suas funções se fazia com base nos seus atributos como letrado, no que se inclui o domínio de vários idiomas. Daí, no entanto, não se pode inferir que Basílio da Gama fosse uma espécie de braço direito do Marquês na dita secretaria, pois acima dele havia outros oficiais: dentre os mais graduados, João Baptista Araújo, o oficial-maior Clemente Isidoro Brandão e o secretário adjunto Aires de Sá e Melo, que substituíra o demitido José Seabra da Silva na função. Muito menos poderíamos supor que a intimidade adquirida em 1774 fosse um indício da participação de Pombal como coautor do poema *O Uruguai*, escrito cinco anos antes, como surpreendentemente sugere Ivan Teixeira na obra *Mecenato pombalino*.<sup>50</sup>

O que podemos afirmar, com certeza, é que sua função na Secretaria de Estado lhe faria mais íntimo das posições e ideologias defendidas pelo marquês. E mesmo que divergisse de algo, como escrivão oficial deveria escrever o que lhe ditava o ministro. Há indicações que, ainda em 1774, Basílio da Gama teria sido incumbido de redigir, ditado por Pombal, o novo Regimento do Santo Ofício da Inquisição de Portugal. O livro contém um verdadeiro catecismo antijesuítico, além do enquadramento de doutrinas como o jacobinismo, o judaísmo, a feitiçaria, a astrologia e toda a espécie de ideologia ou pensamento considerado herético para os novos critérios do “despotismo esclarecido” de Portugal.<sup>51</sup>

---

49 CARVALHO, Sebastião Melo de. “Compêndio Histórico, e Analítico do Juízo que tenho formado das dezessete cartas continuadas na coleção estampada no ano de 1777 em Londres no idioma inglês...” In: *Cartas e outras obras seletas do Marquês de Pombal*, 5. edição. Tomo I. Lisboa, Tipografia de Costa Sanches, 1861, p. 56.

50 TEIXEIRA, Ivan. *Mecenato pombalino e poesia neoclássica* (op. cit.), pp. 414-5, de onde extraímos o seguinte trecho: “Estendendo, hipoteticamente, um pouco mais o nível de tal intimidade, pode-se supor que ela tenha se insinuado na redação de *O Uruguai*, mediante a participação de Sebastião José na sua fatura. Em particular, a constante citação da *Relação abreviada*, obra de que Pombal também participou, demonstra suficientemente que *O Uruguai* é obra coletiva, devendo também ser lida como manifestação do espírito da equipe publicista do déspota esclarecido.

51 Sobre a autoria deste Regimento afirmava Pereira Caldas que “apesar de se dizer ordenado o Regimento de 1744 por ordem e mandado do Cardeal Cunha, passa, no entanto, como certo, que o ditara o Marquês de

## AS RESTRITAS FIDELIDADES DE BASÍLIO DA GAMA, APÓS A QUEDA DE POMBAL

Com a morte de D. José I, e o afastamento do ministro Sebastião de Mello Carvalho das suas funções em março de 1777, começou a jorrar pelos quatro cantos de Lisboa uma enchente de sátiras destruindo a reputação e o passado de glórias de Pombal. Basílio da Gama permaneceu cauteloso em afiançar as acusações contra o antigo protetor, embora aquiescente em algumas críticas dirigidas ao mesmo. Existem sonetos de sua autoria nos quais investe sobre os algozes de última hora, mas que revelam também posições críticas quanto à ação política do antigo primeiro-ministro de Portugal. José Veríssimo, em 1903, já havia publicado um dos poemas, o soneto A Nicolau Tolentino, que malsinara do Marquês de Pombal, decaído:

Poeta português, bem que eloquente,  
Suspende, ó mordaz, versos que recitas  
Não vês que no teu corte não imitas  
A conduta de um príncipe prudente.

Ser ferino o Marquês, ser insolente  
De horroroso partido, ações malditas  
Inventar mil cláusulas esquisitas  
E ser réu, ser indigno, delinquente;

Mas, que importa o Marquês não fosse digno,  
Pela soberba vil, pela fereza,  
Se achou para o perdão um rei benigno?

Não cortes, ó vassalo, que é vileza  
Celebrar um vassalo por indigno  
Quando achou no seu rei tanta grandeza.<sup>52</sup>

Percebe-se então que Basílio da Gama não teria (ou aqui não mais manifestaria) uma opinião tão favorável à conduta do marquês,

---

Pombal, Sebastião José de Carvalho de Melo, escrevendo-o o oficial de Secretaria do reino José Basílio da Gama, autor do poema *Uruguai e Quitubia*, além de outras produções poéticas estimadas”. Cf. CALDAS, José Joaquim da Silva Pereira. *Os Regimentos da Inquisição em Portugal* (Braga: 1877), p. 5.

<sup>52</sup> GAMA, José Basílio da. “Soneto A Nicolau Tolentino, que malsinara do Marquês de Pombal, decaído”. In: VERÍSSIMO, José. *Obras poéticas de Basílio da Gama*, op. cit., p. 228.

reconhecendo-o “ferino”, “insolente”, “soberbo”, “vil”. Apesar disso, condena a forma como ele estava sendo execrado publicamente pelos poetas. Censura isto em Nicolau Tolentino, seu companheiro, sob o governo de D. Maria I, no oficialato da Secretaria de Estado do Reino. Tolentino era conhecido por ter uma das sátiras mais afiadas entre os vates portugueses, e de fazer da sátira o seu principal instrumento poético. Por isso mesmo, o soneto de Basílio da Gama não ficou sem réplica. Francisco Topa, incansável na busca dos alfarrábios dos árcades esquecidos nos arquivos, encontrou na Biblioteca de Évora uma “resposta pelos mesmos consoantes”:

Ao soneto, ó Basílio, de eloquente  
Não posso dar o nome, pois recitas  
Com paixão versos tais, nos quais imitas  
Quem sábio nunca foi nem foi prudente;

Se dizes que o Marquês era insolente  
E que as suas ações foram malditas,  
Não procures defesas esquisitas,  
Pois mostras ser como ele, delinquente;

Não se pode chamar sujeito digno,  
Como tu sabes, quem com tal fereza  
Abusou do poder de um Rei benigno;

Os teus versos suspendes, que é vileza  
Desculpar esse bruto e monstro indigno,  
Horror da pequenez e da grandeza.<sup>53</sup>

Note-se que Tolentino também vê contradição no fato de Basílio chamar Pombal de “insolente”, dizer que “suas ações foram malditas”, e depois procurar “defesas esquisitas” para o ministro. Tivemos acesso a um volume manuscrito, localizado no setor de reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa, intitulado “Textos, predominantemente satíricos e

---

<sup>53</sup> TOPA, Francisco. “A edição crítica dos sonetos de Basílio da Gama – Perspectivas”. *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, Porto: Faculdade de Letras, v. 17, pp. 6-7. (Série 2).

jocosos, contra o Marquês de Pombal e a sua Política”.<sup>54</sup> São 291 páginas contendo mais de uma centena de sátiras, de variados estilos e formas, que se ocupam, em sua absoluta maioria, de ironizar e apequenar o marquês, sua política e sua memória. Entre elas, há poesias que usam da linguagem acadêmica ou erudita, paródias de clássicos quinhentistas, muitas décimas e sonetos compostos com linguagem vulgar, mas de humor irrepreensível... Alguns poemas trazem o mea culpa de poetas arrependidos por terem no passado produzido poemas em louvor ao marquês; é o caso do poeta anônimo de Braga, que chega a produzir uma novena de sonetos para expurgar sua culpa pelos louvores outrora destinados a Pombal:

Novena métrica, que faz por desencargo de sua consciência um anônimo Barcilense, arrependido de uma famosa mentira que disse, querendo elogiar ao ímpio e cruel Marquês do Pombal na ocasião da Real Estátua Augusta; de cujo falso testemunho inspirado agora do céu, e com o temor da morte, se desdiz, e confessa o seu erro publicamente; mostrando o contrário nos seguintes versos.<sup>55</sup> (Seguem-se nove sonetos)

Em meio a todo esse volume, encontra-se uma “assinatura” de José Basílio da Gama, ou seja, um poema indicado como de sua autoria, em que o poeta defende mais uma vez o marquês da ira dos seus pares. Mas parece se tratar de um confronto satírico que se dera pouco antes da morte de D. José I e da queda de Pombal (quando já se iniciava um movimento pela sua deposição), pois é feita menção ao Rei D. José como se ele estivesse ainda vivo:

Satírico Plebeu, que premeditas,  
Contra o ministro do Real estado,  
Vê que sendo por ti aniquilado,  
O conceito do rei desacreditas.

Que a teus parciais, tumultos facilitas,  
Orgulhoso imprudente, e acelerado,

---

<sup>54</sup> Setor de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa, Códice 13026. Na contracapa consta que o volume foi editado na *Librairie Ancienne Minet Frère*.

<sup>55</sup> “Textos, predominantemente satíricos e jocosos, contra o Marquês de Pombal e a sua Política”, Setor de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa, Códice 13026, p. 20.

Quando ao menos deveras por honrado,  
Placar-lhe o furor, que assim lhe agitas.  
Se o Ministro é tirano, e rigoroso;  
Se insolências oprime, e em prisões mete  
Sujeito está à pena de criminoso;

Porém tu ó satírico reflete,  
Que seu delito atroz, feio, e horroroso,  
Castiga-lo, ao Rei somente, compete.<sup>56</sup>

Percebe-se novamente que Basílio da Gama não contesta a pecha de tirano, rigoroso, opressor, atribuída ao Pombal, embora não aceite que os poetas incitem à vingança, ao castigo, o que só competiria ao braço régio. O tom do poema sugere que o alvo da sátira é o mesmo Tolentino, pois a réplica, que também consta do manuscrito, repete a forma adotada na outra sátira pelo poeta lusitano.

Satírico, infeliz, em vão criminas,  
Do alegre povo, a amável liberdade,  
Que calado até aqui com piedade,  
Do tirano sofreu ações malignas.

Ministros já debalde imaginas,  
Para por em despique a Majestade,  
Que separou de si com brevidade,  
Sendo todas as mais penas benignas.

Não é tumulto, é gosto inesperado,  
E às vozes do Povo pregoeiro,  
Não alteram dos Príncipes o agrado;

Tu a quis em pior erro que o primeiro,  
Pois é menos falar contra um culpado  
Do que satirizar povo inteiro.<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> Ibid., p. 132.

<sup>57</sup> Ibid., p. 133. Francisco Topa encontrou outra versão em fonte diversa da que citamos. Na versão encontrada por Topa, na primeira estrofe, em lugar de “Que calado até aqui com piedade,/Do tirano sofreu ações malignas”, lê-se: “Que calado até aqui, sem igualdade,/ do Tirano sofreu unhas ferinas”; no último verso da segunda estrofe, em lugar de “Sendo todas as mais penas benignas”, lê-se: “Dando-lhe às culpas penas mui

José Basílio da Gama residia em Lisboa quando da morte de D. José I, e no dia do anúncio da posse de sua filha, D. Maria I, esteve presente. Não deixou de registrar em um soneto aquela cerimônia, como anunciadora de novos e incógnitos tempos para o império português. Incógnitos por não se saber exatamente a extensão das mudanças, com o já dado como certo afastamento, no núcleo de poder, do Marquês de Pombal. Transcrevemos aqui então o “Soneto extemporâneo feito na Real Varanda no feliz instante, em que o povo aclamava a Rainha nossa clementíssima Senhora”, encontrado em manuscrito da Coleção Pombalina, e do qual não conhecemos publicação:

Em fim juraste, e foi nos Céus ouvido,  
Rainha Augusta, o grande juramento:  
Jura o Povo leal; e é num momento  
O eco por mil bocas repetido.

Já do impulso das vozes o ar ferido  
A abóbada toca do Firmamento.  
Vês branquejar nas mãos soltos ao vento  
Laços, que molha o pranto enternecido.

O habitador das Selvas, e da Corte,  
Mostram no rosto o mais que a língua cala;  
De ti depende do teu Povo a sorte.

Quando olhar para ti, em Régia fala,  
Pronta a erguer-se ao teu mando armada a Morte  
Lembra-te deste dia, e depois fala.<sup>58</sup>

Basílio da Gama saúda a posse da rainha, mas parece advertir, na última estrofe, para que não mova o seu real mando nenhuma vingança mortal. Temeraria, talvez, o poeta, a perseguição régia contra a ordem antiga, de que também faria parte, como oficial do ministério de Pombal. Apesar desses supostos temores, José Basílio da Gama não sofreria por parte do novo primeiro-ministro, Martinho de Mello e Castro, nenhum tipo de represália.

---

benignas”; no último verso da terceira estrofe, em lugar de “Não alteram dos Príncipes o agrado”, lê-se: “Não alteram dos Príncipes o cuidado”; e na última estrofe, no primeiro verso, em lugar de “Tu a quis em pior erro que o primeiro”, lê-se: “Cala-te, insolente vil, cala-te embusteiro”. Cf. TOPA, Francisco. “A edição crítica dos sonetos de Basílio da Gama – Perspectivas”, op. cit., p. 283.

<sup>58</sup> Manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, Coleção Pombalina, MF 4975, p. 40.

Ao contrário, além de ser confirmado no posto de oficial da Secretaria de Estado, cargo exercido até 20 de agosto de 1788, recebeu muitas benesses reais durante a realeza de D. Maria I: Cavalheiro Fidalgo, em 1787; Hábito da Ordem de Santiago da Espada, em 1790; traslado da Ordem de Santiago, para o Hábito da Ordem de Cristo, em 1793.<sup>59</sup> Deve-se mencionar também, que já no ano da sua morte, em fevereiro de 1795, foi admitido como sócio correspondente na Academia Real de Ciências de Lisboa.<sup>60</sup>

## DIÁLOGOS ENTRE BASÍLIO DA GAMA E PIETRO METASTASIO

Chama-nos a atenção, quanto à biografia de Basílio da Gama, as lacunas quanto a uma segunda possível viagem ao Brasil, entre o final de 1769 e 1770. Tal hipótese procede de uma correspondência sua com o velho Pietro Metastasio, talvez então o mais celebrado sócio da Arcádia a que pertencia. Metastasio era à época já septuagenário, e vivia em Viena, onde ocupava, desde 1750, o cargo de libretista oficial da corte imperial. Era um ambiente florescente do neoclassicismo europeu, em que despontavam compositores como Mozart e Haydin. Basílio da Gama não se furtou a enviar um exemplar d' *O Uruguai* para Metastasio, juntamente com uma carta, com muitos elogios e alguns exageros. O árcade romano respondeu a 7 de abril de 1770, de forma simpática e mais informal.

Ocorre que, tanto na missiva de Basílio quanto na resposta de Metastasio, o assunto transcorre de modo a entrever que o árcade brasileiro escrevesse da sua terra pátria, o Brasil. Claro que essa lógica discursiva das cartas não é suficiente para a sustentação fundamentada de uma hipótese, mas podem servir como um indício da possível presença de Basílio da Gama no Brasil, naquele ano de 1770. O poema *O Uruguai* deu entrada na Real Mesa Censória a 24 de abril de 1769.<sup>61</sup> Como era uma publicação de interesse de Pombal, é bem provável que o seu andamento na revisão dos censores não tenha se prolongado demasiadamente, e bem antes do final de 1769, já sairia impressa. Motivos não faltariam, para quem se viu expulso da sua terra, nas circunstâncias de 1768, de retornar, totalmente reabilitado, empunhando uma grande obra, que tinha o crivo da maior autoridade reinol, abaixo de D. João V.

---

<sup>59</sup> As ordens régias para essas concessões estão nos livros de Registro Geral de Mercês de D. Maria I, no ANTT.

<sup>60</sup> VERÍSSIMO, José. *Obras poéticas de Basílio da Gama*, op. cit., p. 62.

<sup>61</sup> “Em 24 de abril de 1769 foi distribuído ao Desembargador João Ramos um requerimento de José Basílio da Gama com um poema”. ANTT, F. 6743, liv. 3 – Registo de distribuição de obras pelos censores (1768-1769):

De qualquer forma, sem querer aqui resolver essa questão, trazemos a correspondência entre os dois poetas, que não é inédita, mas exemplar, para dizer da extensão do diálogo que Basílio da Gama, e sua poesia, podiam então alcançar.<sup>62</sup>



### **Ao Senhor Abade Metastasio, Viena**

O tributo da América inculta é bem digno do grande Metastasio. Este nome é ouvido com admiração nas profundezas de nossas florestas. Os suspiros de Alceste e Cleonice são familiares a um povo que não sabe que no mundo existe Viena. É bom ver nossos índios chorando com seu livro na mão e não fazem a honra de ir ao teatro se a composição não for de Metastasio! Se eu venho de tão longe para apresentar um poema, cujo assunto é inteiramente americano, não é apenas para ser intérprete dos sentimentos do meu país, honra minha maior seria se pudesse mais de uma vez ser intérprete seu. (...)

Basílio de Gama, brasileiro

<sup>62</sup> D'AYALA, Abate Conte. *Opere Postume del Sig. Ab. Pietro Metastasio*. Tomo III. Viena: Stamperia Alberti, 1795, pp. 93-4 (tradução nossa).

Apesar dos exageros, quanto ao choro dos indígenas tendo às mãos o livro de Metastasio, a afirmação da presença de suas obras nos palcos do Brasil não é infundada. Ainda em 1759, no currículo que apresentou à Academia dos Renascidos, na Bahia, Cláudio Manuel da Costa diz ter traduzido vários “dramas do Abade Pedro Metastásio: o Artaxerxes, a Dircea, o Demétrio, o José Reconhecido, O Sacrifício de Abraão, O Regulo, O Parnaso Acusado: alguns destes dramas em ritma solta, outros em prosa, proporcionados ao teatro português”. Sérgio Buarque de Holanda cita Stefano Arteaga, que na obra *Le Rivoluzioni del teatro musicale italiano*, de 1785, afirmara que o nome de Metastasio seria glorificado, “de Cadiz, até a Ucrania e de Copenhague ao Brasil”.<sup>63</sup> Duas traduções comprovadas de Cláudio Manuel, de peças do poeta cesáreo, foram posteriormente encontradas e publicadas: a Comédia do mais alto segredo – Artaxerxe e a Ópera de Demofonte em Trácia.<sup>64</sup> Mas vamos à “risposta” de Metastasio à carta de Basílio da Gama:



## Resposta

Minha crassa ignorância do idioma de seu poema não foi suficiente, gentilíssimo Senhor Gama, para esconder de mim todo o seu valor. Já encontrei o suficiente para me convencer de que Apolo também nas

<sup>63</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque. *Capítulos de literatura colonial*, op. cit., pp. 125-6.

<sup>64</sup> Publicadas respectivamente, no VII e VIII Anuários do Museu da Inconfidência (1984-1990). A historiadora Suely Maria Perucci Esteves fez a transcrição, atualização e glossário.

margens do Rio de Janeiro tem a sua Delos, o seu Monte Cinto e o seu Hélicon; e me apressar a encontrar algo que torne minha visão mais clara e meu prazer mais perfeito. Ainda bem, para mim, que a idade não acompanha a violenta tentação de mudar de hemisfério, para poder gozar da parcialidade invejável das espirituosas ninfas americanas; encontraria ali um rival muito perigoso em meu intérprete benevolente (...)

Viena, 7 de abril de 1770.

Três anos depois, Basílio da Gama pôde satisfazer o desejo, conforme expressou na sua carta, de ser intérprete de Metastasio. Em 1773 foi publicada, em Lisboa, sua tradução em português do poema *La libertà*. Além da versão original em italiano e da tradução de Gama, a publicação traz ainda a tradução francesa do mesmo poema, feita por outra celebridade político-filosófica-literária do seu tempo, Jean-Jacques Rousseau. O filósofo aparece nomeado como “M. Rousseau de Genebra”, um subterfúgio para que o editor não fosse pego pelas malhas da Real Mesa Censória, que não deixaria passar obra que estampasse na capa o nome proibitivo de um dos maiores propagadores das “nocivas ideias francesas”.<sup>65</sup>

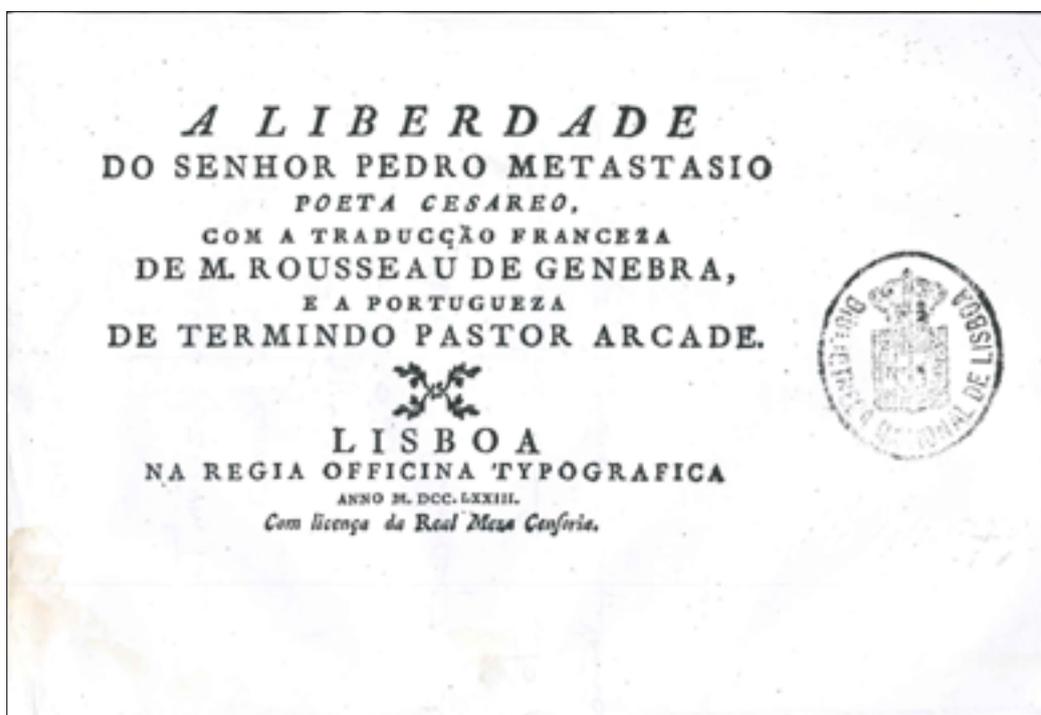


Fig. 7: Capa do livro *A liberdade*, do Senhor Pedro Metastasio, com a tradução francesa de M. Rousseau de Genebra e a portuguesa de Termindo Pastor Árcade.

<sup>65</sup> No edital régio de 24 de setembro de 1770, se publicou extensa lista das obras científicas, literárias e filosóficas absolutamente proibidas, com ordem de serem apreendidas e apresentadas na secretaria da Real Mesa Censória. Entre elas, *Emile*, *Du Contract Social* e *Heloise*, obras de Jean-Jacques Rousseau. Cf. SILVA, Antônio Delgado da. *Collecção da legislação portuguesa*. (Lisboa: Typografia Maigrense, 1825-1830), pp. 239-243. Disponível em: <[http://www.governodosoutros.ics.ul.pt/?menu=consulta&id\\_partes=108&id\\_normas=32943&acao=ver](http://www.governodosoutros.ics.ul.pt/?menu=consulta&id_partes=108&id_normas=32943&acao=ver)> Acesso em: 20 jul. 2020.

Metastasio compôs a cançoneta *La libertà* em 1933, pouco depois de chegar à Viena, sendo esta obra uma das mais comentadas e prestigiadas do autor. O poema revela o sentido de libertação de um homem quando consegue vencer a prisão de um amor, cuja lembrança não lhe fere mais. Não é um poema melancólico, sentimental... É um poema forte, que impõe ao sentimento amoroso, a liberdade e a razão. Talvez por isso, Jean-Jacques Rousseau, filósofo da razão e da liberdade, quis traduzir o poema para o francês.

Rousseau, no dicionário de verbetes musicais que produziu para a *Encyclopedie* de Diderot e D'allambert, já defendera que a música erudita francesa deveria, para se tornar mais arejável, tomar como exemplo o gosto difundido pela ópera italiana. Neste dicionário, no verbete intitulado "Gênio", estampou o seguinte conselho: "Se teus olhos se encham de lágrimas, se teu coração sentes palpitar, se te agitam estremecimentos, se em teus enlevos a opressão te sufoca, pega o Metastasio, e trabalha".<sup>66</sup> E Rousseau trabalhou bem o músico e poeta italiano, traduzindo um poema que se insurge contra todo esse sufoco dos sentimentos. É de Rousseau, inclusive, a tradução mais sintética, substituindo as quadras usadas por Metastasio e seguidas por Gama, pelas estrofes de três versos, mais objetivas e fulcrais.

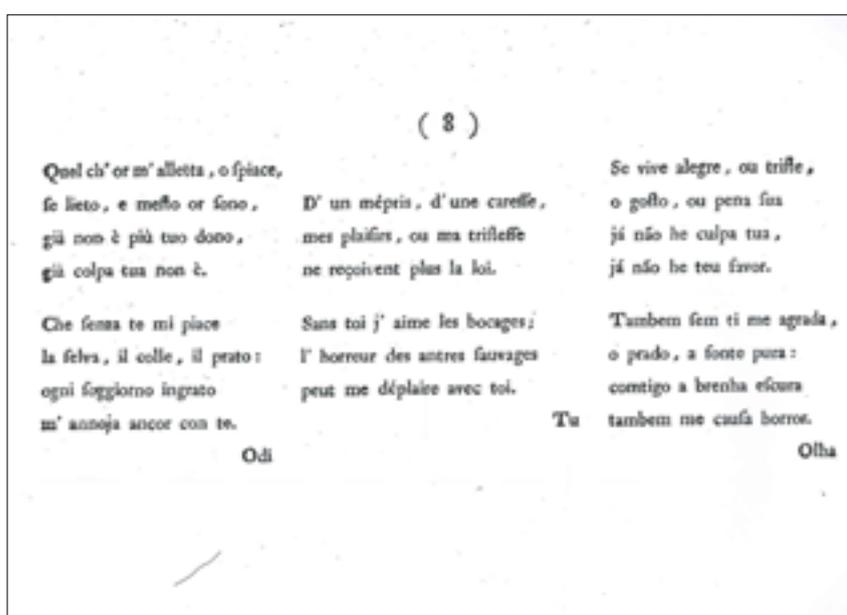


Fig. 8 – Imagens das estrofes do livro *A liberdade*.

Falta-nos elementos, no entanto, para tecer uma crítica mais abalizada quanto às traduções de Gama e Rousseau, neste campo tão complexo e rigoroso da tradução literária. Gostaríamos apenas de realçar o prazer

<sup>66</sup> IASOSHIMA, Fábio. *O dicionário de música de Jean Jacques Rousseau*. Introd., trad. parcial e notas. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2012, p. 90.

estético de ler versões tão diferenciadas, e igualmente belas, destes três grandes representantes da poesia e da ilustração do século XVIII. Os três se encontraram num trânsito construído desde as lições de Muratori, Boileau e Verney, nas quais se formaram os árcades ultramarinos, e notadamente José Basílio da Gama, cruzando, em vida e poesia, o Atlântico e o Mediterrâneo.

#### **O HOMEM, SUA OBRA E SEU TEMPO: UM CICLO QUE SE ESTENDE EM ESPIRAL**

São muitas as lacunas e interrogações quanto à biografia e à produção literária de Basílio da Gama. O que não poderia ser diferente, já que todos os esforços por seguir os rastros dos alfarrábios impressos e manuscritos, em dois séculos de pesquisa sobre a sua vida e sua poesia, nunca poderiam dar conta de todos os caminhos nos quais se fixaram os seus passos, e se inscreveram suas falas poéticas. Embora, acreditamos, há sempre muitas portas e janelas a serem ainda abertas, ou corredores a serem percorridos, para fazer mais claras, ou menos obscurecidas, as imagens que afloram do passado. Sabendo-se, sempre, que toda história é a história do possível.

A vida e a poesia de José Basílio da Gama inscrevem-se num ciclo que se abre cada vez mais em espiral, pelos estudos inesgotáveis da ciência da história e da literatura. Não podemos duvidar que a literatura é também história, que se afigura através da lente ampliada, livre e vocativa do escritor. Mas a ela, a história, também pode servir bem a roupagem da literatura, pois quanto mais a sua tessitura se aproxima da performance da narrativa literária, mais as imagens do passado se projetam, vivas e interativas, para os leitores do presente.

Esperamos que nessa viagem transatlântica, dentro de uma nau construída em tinta e papel, em que embarcaram juntas a história e a literatura, tenhamos propiciado uma melhor compreensão do mundo da vida e da poesia de José Basílio da Gama, fazendo mais compreensíveis os porquês do poeta ter sido, verdadeiramente, como dissemos no início, um homem que viveu intensamente o seu tempo.

CARLOS VERSIANI DOS ANJOS é mestre em História Social pela Universidade de São Paulo e doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais com a tese “O movimento arcádico no Brasil setecentista: Significado político e cultural da Arcádia Ultramarina”. Publicou *O velho Cláudio: inéditos da maturidade de Cláudio Manuel da Costa* (Ouro Preto: Editora Liberdade, 2019). Atualmente é professor visitante do programa de pós-graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

## **FONTES MANUSCRITAS**

### **Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT)**

Real Mesa Censória, Cx. 316, Doc. 2113: Manuscritos originais das Obras de Cláudio Manuel, que passaram pela Mesa Censória.

Real Mesa Censória, Livro 2, MF 6917: Registro de entrada e saída de obras (1768- 1772), contendo, à fl. 65, o registro da entrada das Obras de Cláudio Manuel, em 10 de junho de 1768.

Real Mesa Censória, Livro 3, F. 6743, Fl. 81: Registo de distribuição de obras pelos censores. Contém a distribuição ao Desembargador João Ramos de um requerimento de José Basílio da Gama, com o poema *O Uruguai*, em 24 de abril de 1769.

- Manuscritos da Livraria, MF 596, livro 184, segunda página não numerada e seguintes: dois sonetos sacros com indicação de autoria do Padre A. C. de Almeida Villas Boas.

- Ordens régias para concessão de títulos a Basílio da Gama - Livros de Registro Geral de Mercês de d. Maria I

- Ordem régia de 31 de outubro de 1759, para execução da lei de 3 de setembro do mesmo ano. - Armário Jesuítico, Livro 1, número 19.

### **Biblioteca Nacional de Lisboa**

- “Textos, predominantemente satíricos e jocosos, contra o Marquês de Pombal e a sua Política” - Setor de Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa, Códice 13026.

- “Gazeta de Lisboa, 4 de outubro de 1759 a 30 de outubro de 1778” - Arquivo da Biblioteca Nacional, Microfilme J2510 M, Rolo 26:

- “Soneto extemporâneo feito na Real Varanda no feliz instante, em que o povo aclamava a Rainha nossa clementíssima Senhora” - Manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, Coleção Pombalina, MF 4975, p. 40.

## **Biblioteca Angélica**

- Catalogo manoscritto di soci per nome arcádico sotto i custodi Morei (1743-66), V, c. 273 r. - Setor de manuscritos da Accademia dell'Arcadia da Biblioteca Angélica.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ACCADEMIA DEL DISEGNO DE SAN LUCA. *I Pregi delle Belle Arti: orazione e componimenti poetici*. Roma: Stamperia di Marco Pagliarini, 1762.

ACCADEMIA DEGLI INFECONDI. *Prose e Versi degli Accademici Infecondi*. Tomo I. Roma: Generoso Salomoni, 1764, p. 139.

BLOCH, Marc. *O Ofício do Historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAEIRO. *Primeira publicação após 160 anos do manuscrito inédito de José Caeiro sobre os jesuítas do Brasil e da Índia na perseguição do Marquês de Pombal*. Bahia: Escola Tipográfica Salesiana, 1936

BRAGA, Teófilo. *História da Literatura Portuguesa: os Arcades, vol. IV*. Vila da Maia: Ed. Imprensa Nacional, 1984.

..... *A Arcádia Lusitana*. Porto: Livraria Chardron, 1899.

CANDIDO, A. *Os Poetas da Inconfidência*. In: Anuário do Museu da Inconfidência, vol. IX, 1993.

CARVALHO, Sebastião Melo de. *Compêndio Histórico, e Analítico do Juízo que tenho formado das dezessete cartas continuadas na coleção estampada no ano de 1777 em Londres no idioma inglês...* In: Cartas e outras obras seletas do Marquês de Pombal, 5ª edição, Tomo I. Lisboa, Tipografia de Costa Sanches, 1861, p. 56.

CALDAS, José Joaquim da Silva Pereira. *Os Regimentos da Inquisição em Portugal*. Braga: 1877.

CHAVES, Vânia Pinheiro. *Brasilienses Aurifodinae, de José Basílio da Gama: um desconhecido poema iluminista luso-brasileiro?* Revista Convergência Lusíada, Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 2007.

..... *O Uruguai e a Fundação da Literatura Brasileira*.

Campinas: UNICAMP: 1997. Esta versão foi transcrita do Ms 8582 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

D'AYALA, Abate Conte. *Opere Postume del Sig. Ab. Pietro Metastasio*, Tomo III. Viena: Stamperia Alberti, 1795.

GARÇÃO, Pedro Antônio Correia. *Obras Completas*. Texto fixado, prefácio e notas por Antônio José Saraiva, 2 ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1982, p. VII.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de Literatura Colonial* (Org. Antônio Cândido). São Paulo, Brasiliense, 1991.

IASOSHIMA, Fábio. *O dicionário de música de Jean Jacques Rousseau*. Introdução, tradução parcial e notas. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2012

KAULEN, Lourenço. *Resposta Apologética ao poema intitulado O Uruguai composto por José Basílio da Gama*. Lugano, 1786.

KOMAREK, Francesco. *Arcadi – Sonetti ed orazione in lode delle nobili arti di disegno, pittura, scoltura, ed architettura*. Roma, 1764.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.

LAPA, M. Rodrigues. O enigma da Arcádia Ultramarina aclarado por uma ode de Seixas Brandão. In: Suplemento Literário do “Minas Geraes”, Ano IV, n. 174. Belo Horizonte, 27/12/1969.

PIMENTEL, Alberto. *Zamperineida: segundo um manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Lisboa, Livraria Central, 1907. O manuscrito foi confrontado por Pimentel com outro encontrado na Torre do Tombo.

PROENÇA FILHO, Domício (Org.) *A Poesia dos Inconfidentes. Poesia Completa de Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

RIBEIRO, João. *Obras Poéticas de Cláudio Manoel da Costa*. Rio de Janeiro, Garnier, 1903.

RATTON, Jacome. *Recordações de Jacome Ratton sobre ocorrências do seu tempo em Portugal, durante (...) maio 1747 a setembro de 1810, que residiu em Lisboa...* 2 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1920.

SILVA, Antônio Delgado da. Collecção da legislação portugueza. Lisboa: Typografia Maigrense, 1825-1830, p. 239-243. Disponível em [http://www.governodosoutros.ics.ul.pt/?menu=consulta&id\\_partes=108&id\\_normas=32943&acao=ver](http://www.governodosoutros.ics.ul.pt/?menu=consulta&id_partes=108&id_normas=32943&acao=ver) Acesso em 20 de julho de 2020.

TEIXEIRA, Ivan. *Mecenato Pombalino e poesia neoclássica*. São Paulo: Edusp, 1999 Coleção de Poesias Inéditas dos Melhores Autores Portugueses, Tomo I. Lisboa: Imprensa Régia, 1809, p. 26-29.

TOPA, Francisco. *A Musa Trovadora: dispersos e inéditos de D. Joana Isabel de Lencastre Forjaz*. Porto: edição do autor, 2002.

\_\_\_\_\_. A Edição Crítica dos Sonetos de Basílio da Gama – Perspectivas. Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas, II série, vol. XVII. Porto: Faculdade de Letras, 2000, p. 6-7.

\_\_\_\_\_. *Para uma edição crítica da obra do árcade brasileiro Silva Alvarenga: inventário sistemático dos seus textos e publicação de novas versões, dispersos e inéditos*. Porto: Edição do autor, 1998

VARNHAGEN. Florilégio da Poesia Brasileira, Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850.

VERÍSSIMO, José. *Obras Poéticas de Basílio da Gama*. Rio de Janeiro: Garnier, s.d.

VERSIANI, Carlos. *Glauceste Saturnio e a Real Mesa Censória: uma crítica genética das Obras de Cláudio Manuel da Costa*. Revista de História, núm. 170. São Paulo: USP, jan-jun 2014.

\_\_\_\_\_. *A Arcádia Romana e a Arcádia Ultramarina: diálogos literários entre a Itália e o Brasil na segunda metade do século XVIII*. Revista *O Eixo e a Roda*. Belo Horizonte, UFMG, 2019.

\_\_\_\_\_. *A representação arcádica do índio brasileiro: O Uruguai, de José Basílio da Gama*. Revista *Amerika*, vol. 14, julho de 2016.

VICHI, Anna. *Gli Arcadi dall 1690 al 1800 – Onomasticon*. Roma: Arcadia – Accademia Letteraria Italiana, 1977.